

13-3-1

Cunha de Oliveira

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Abril de 1926

N.º 16

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "REVISTA ESCOLAR."

LIÇÕES PRÁTICAS: 1 — Linguagem escrita. 2 — Arithmetica. 3 — Geometria. 4 — Historia do Brasil. 5 — Educação civica e moral. 6 — Botanica. 7 — Physica. 8 — Physiologia. 9 — Hygiene.

PEDOLOGIA: 1 — A imaginação e suas variedades na criança. 2 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — O arado. 2 — Os adubos. 3 — Estaca e mergulhia. 4 — O calçado. 5 — Os ovos. 6 — Os filtros. 7 — Peso. 8 — Conhecimentos diversos. 9 — A vacca.

QUESTÕES GERAES: 1 — Crianças de hoje. 2 — Trabalho manual. 3 — Andersen, o Homero infantil. 4 — Codigo moral escolar. 5 — Educação civica. 6 — Caixas escolares. 7 — Organização de *partidos* no ensino de calculos mentaes.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — Lenhador, poupa a arvore... 2 — A fruta preciosa. 3 — Tiradentes. 4 — O bom menino. 5 — Os canarios. 6 — Bençams. 7 — Amor filial. 8 — O jardim da vovó. 9 — Todos são uteis. 10 — A historia de Colombo.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Instrucções geraes para o ensino de gymnastica e jogos escolares.

PAGINA DA CRIANÇA: 1 — Exercicios de raciocinio.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — A tropa que passa.

ESCOTISMO.

VULTOS E FACTOS: 1 — Carlos Gomes.

DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA: 1 — Concurso para escolas.

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Varios despachos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil
1926

3d

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Abril de 1926

N.º 16

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — abril — 1926.

E' facto por demais sedição, nos arraiaes educativos, o poder do ensino objectivo. Tão relevante é o seu valor, que até nas escolas superiores elle mantém suas prerogativas, como, aliás, se póde verificar nas respectivas aulas praticas, onde os alumnos integralizam seus conhecimentos pela observação directa e pelos trabalhos experimentaes nos laboratorios. Os proprios estudos em que predominam as questões de ordem abstracta, não no dispensam, porquanto é no terreno da applicação que elles dão a medida exacta, a idéa clara, positiva dos factos concebidos pelo espirito.

A medicina, a pharmacia, a engenharia etc. comprovam estes assertos, e até a sociologia, em suas correlações com a biologia, vem confirmal-os.

Si assim é, si a objectivação entra como factor digno de nota na instrucção de alumnos cujo desenvolvimento intellectual, graças a estudos anteriores, lhes favorece a percepção, com mais justo motivo ella deve prevalecer nas classes elementares em que as faculdades infantis, em phase ainda incipiente, estão a todo o momento reclamando processos adequados á sua evolução. Daqui, é obvio concluir pela primazia do ensino objectivo nas escolas primarias. E' ahi que elle se torna fundamental, dominante, para que bem aproveite ás crianças. Ora, como é principalmente no estudo das sciencias physicas e naturaes que a sua importancia se evidencia, vêm de molde aqui algumas considerações sobre esta materia ministrada á infancia.

O ensino de sciencias physicas e naturaes é, por excellencia, experimental, e já o disse Le Bon: "Os meios



para inculcar os conhecimentos e os principios que constituem o objecto da instrucção e da educação são unicamente o *methodo experimental*. E' por elle, por elle só, que se chega a fazer passar o consciente no inconsciente e a formar homens."

Tratando-se, pois, das sciencias *physicas e naturaes* nas classes infantis, a objectivação ahi deve imperar soberanamente, mesmo porque não ha melhor estudo para desenvolver na criança o espirito de observação.

Cumpre, portanto, dar ao ensinamento dessa materia um character essencialmente pratico e intuitivo, solicitando sempre os sentidos do discipulo em presença das coisas e dos factos reaes que o estudo lhe sóe proporcionar. E, quando isto não seja possível, jámais poderão faltar á observação e ao exame dos alumnos objectos, instrumentos, estampas, desenhos, mappas etc., empregados nesse estudo.

Realizem-se, pois, todas as experiencias possíveis, tendentes a conduzir o alumno a um conhecimento exacto da materia, a compreender a sua utilidade e applicação.

Só assim terá efficiencia o ensino de sciencias *physicas e naturaes* na escola primaria.

São bem conhecidos os resultados obtidos na Allemanha, por Frœbel, no ensino das sciencias experimentaes por meio das lições de coisas, que não são mais do que uma fórma do processo objectivo.

Além do mais, o ensino experimental, pelo seu incontestavel poder educativo, deve sêr começado bem cedo, e nenhum meio tão propicio se nos depara como a escola primaria.

LIÇÕES PRÁTICAS

LINGUAGEM ESCRITA

CITAÇÕES

As crianças acham muitas vezes dificuldade em escrever citações, porque não sabem o que estão fazendo ou tentando fazer.

E' conveniente os alumnos repetirem os passos necessarios para esse fim, até que entendam perfeitamente a razão das aspas e fiquem bem familiarizados com os exercicios.

(Os alumnos terão sobre as carteiras blócos e lapis.)

Professor. — (Escreve no quadro-negro — *Tenho fome*, ou qualquer sentença declarativa, curta.) Copiem todos, bem certinho, o que escrevi.

Alumno. — (Copiam.)

P. — Leia, Mario, o que está escrito.

A. — (Lê.) *Tenho fome.*

P. — Que foi que Mario leu ou disse?

A. — Mario disse: — *Tenho fome.*

P. — Escrevam, então, numa segunda linha: *Mario disse*, e logo depois, o que elle disse. Mas, escrevam exactamente como escreveram da primeira vez.

(Ver-se-á que muitos não começaram a citação com letra maiuscula.)

Venha, Carlos, ao quadro-negro. Copie a sua segunda linha.

A. — (Escreve: *Mario disse tenho fome.*)

P. — Responda-me: aquillo que Mario disse, está escrito *egualzinho*, como na primeira linha?

A. — Não está.

P. — Então, venha ao quadro e escreva outra vez.

A. — (Escreve: *Mario disse. Tenho fome.*)

P. — Vou marcar o que Mario disse, para melhor podermos vêr que está bem igual ao que foi escrito da 1.^a vez. Escreve de novo marcando as aspas. Mario disse: "*Tenho fome.*"

Quando repetimos palavras alheias, precisamos bastante cuidado para repetirmol-as bem certinho. Aqui neste caso não ha importancia mas, ás vezes, é bem importante. Por isso marcamos taes palavras, ou phrases, no começo e no fim, com estes signaezinhos que eu fiz.

Estes signaes, que mostram repetição das palavras alheias, são chamados *aspas*.

Façam diversas aspas nos seus blócos.

A. — Parecem duas virgulas juntas.

P. — As palavras alheias, que se repetem, e que ficam entre aspas, são *uma citação*.

Escreva, Arthur, no quadro-negro, uma sentença declarativa, bem curta.

A. — (Escreve: *Amo minha Patria.*)

P. — Copiem vocês todos.

A. — Sim, professor.

P. — Que foi que Arthur escreveu, que *disse* com o giz?

A. — Arthur disse: *Amo minha Patria.*

P. — Escrevam. Desta vez, porém, escrevam em primeiro lugar o que elle disse e depois quem o disse.

A. — (Escreve: *Amo minha Patria, disse Arthur.*)

P. — Venha, Paulo, marcar o que Arthur disse.

A. — Collocar as aspas?

P. — Justamente.

A. — (Marca: "*Amo minha Patria,*" disse Arthur.)

P. — Agora, José vae escrever uma sentença, tambem declarativa, mas um pouco mais longa.

A. — (Escreve: *Nossas florestas encerram innumeradas plantas uteis.*)

P. — Copiem.

A. — Prompto.

P. — Copiem duas vezes, dizendo antes e depois, quem disse isso que está no quadro-negro, e vejam si collocam as aspas nos seus logares.

A. — (Escrevem: José disse: “Nossas florestas encerram innumerables plantas uteis.”)

“Nossas florestas encerram innumerables plantas uteis,” disse José.)

P. — Vamos agora intercalar na sentença: quem disse. Vejam bem onde fica melhor e não se esqueçam das aspas, em todas as palavras de José.

A. — (Escrevem: “Nossas florestas,” disse José, “encerram muitas plantas uteis.”)

P. — Vêm vocês que podemos citar o autor no principio, no meio ou no fim da sentença. Toda a vez que houver aspas, estamos repetindo palavras alheias; toda a vez que repetimos palavras alheias devemos usar aspas.

(Em seguida, dar-se-á identico exercicio com sentenças interrogativas, insistindo-se para que o ponto de interrogação fique dentro das aspas.)

Excellente exercicio para firmar o uso de aspas é a copia, ou composição de pequenos dialogos.)

ARITHMETICA

IDÉA DE PORCENTAGEM

O estudo de porcentagem deve sêr feito de maneira tal que as crianças aprendam, com facilidade, as questões a elle relativas.

Os problemas deverão sêr praticos e apresentados tambem dum modo pratico.

Professor. — (Mostrando uma laranja á classe.) Si eu cortar esta laranja pelo meio, que parte terei em cada pedaço?

Alumno. — A metade ou um meio.

P. — Si eu dividil-a em 3 pedaços, que parte haverá em cada pedaço?

A. — Um *terço* cada um.

P. — Quantos *terços* tem uma laranja toda?

A. — Tem 3 *terços*.

P. — Quantos *decimos* tem?

A. — Uma laranja inteira tem 10 *decimos*.

P. — Quantos *centésimos*?

A. — Tem 100 *centésimos*.

P. — Muito bem. Dividamos a laranja em 100 partes, isto é, 100 o que?

A. — Cem *centésimos*.

P. — Justamente. Dividindo-a em 100 *centésimos*, temos todas essas 100 partes, esses 100 *centésimos*.

Prestem muita atenção: em vez de dizermos que temos cem *centésimos*, podemos dizer que temos cem *por cento*.

A. — Eu já ouvi titio dizer muitas vezes: *por cento*.

P. — Continúe prestando bastante atenção, e você também poderá usar *por cento*.

Voltemos á nossa laranja, que estava dividida em 100 *centésimos*. Esses cem *centésimos*, quanto representavam da laranja?

A. — Representavam a laranja toda.

P. — Então, quando eu tiver metade dalguma coisa, quanto *por cento* terei dessa coisa?

A. — O senhor terá a metade de 100, isto é, 50 *por cento*.

A. — A metade de 100 *por cento* é 50 *por cento*.

P. — Muito bem. Quem me responde agora á seguinte pergunta: Tirar 6 de cada 12 é o mesmo que tirar quanto de cada 100?

A. — Seis é a metade de 12; 50 é a metade de 100. E' o mesmo que tirar 50 de 100.

P. — Estragaram-se 6 de cada 12 laranjas que um negociante recebeu. Quantas laranjas se estragaram?

A. — A metade.

P. — Quanto *por cento*?

A. — *Cincoenta por cento.*

P. — Tenho 5 lapis, que são 50 por cento dos que eu tinha hontem. Quantos tinha eu hontem?

A. — Hontem o senhor tinha 10.

P. — Como foi que você soube? Fale alto.

A. — Si 5 representam 50 por cento dos lapis, representam a metade: 10 lapis.

P. — Muito bem.

A. — Eu ouvia papae sempre conversando em *não sei quantos por cento*. Não entendia e pensava que fôsse coisa muito difficil!

A. — E é tão facil!

A. — *Tantos por cento* é só: tantos em *cada cem*.

P. — Vamos vêr si sabem mesmo. (Desenha linhas em grupos, tendo o cuidado de usar letras de sons bem differentes para que se possa fazer o exercicio rapidamente.)

B é igual a *quantos por cento* de A?

A. — *Cem por cento*. São eguaes.

P. — O é igual a *quantos por cento* de F?

A. — E' igual a uma vez e um meio. E' igual a 150 *por cento*.

P. — (Collocando laranjas em duas pilhas.) Aqui estão duas pilhas de laranjas.

A. — Esta pilha tem 10, e a menor 5.

P. — Tire uma das 10 laranjas e ponha-a com as 5.

A. — Prompto.

P. — *Quantos por cento* diminuiu você desta pilha?

A. — *Dez por cento*.

A. — Cada uma laranja representa *dez por cento*.

A. — E a pilha toda, *cem por cento*.

P. — Collocando esta laranja na pilha menor, de *quantos por cento* ficou augmentada?

A. — *Vinte por cento* mais.

A. — Aqui, cada uma laranja vale 20 *por cento*.

(Continúe-se tirando e pondo, para se calcular rapidamente a porcentagem de augmento e diminuição.)

Anna de Oliveira

P. — Já sabem, então, que *tantos por cento* são o mesmo que *tantos centesimos*; agora vamos aprender que *por cento* se escreve: $\frac{\%}{100}$.

(Os alumnos gostarão de exercitar-se no signal.

Serão agora dados problemas variados, tendo-se o cuidado que sejam sobre assumpto de interesse ás crianças.)

GEOMETRIA

RELAÇÃO ENTRE A CIRCUMFERENCIA E O SEU DIAMETRO

I

“A observação é a base absoluta de todo conhecimento.”

Alumno. — Que vamos fazer com esses arcos e tinas? E' algum jogo?

Professor. — Sim, é um *jogo geometrico*. A nossa lição hoje vae consistir em medir circumferencias.

A. — As linhas rectas são mais facéis de medir...

P. — Mas, vocês, não gostam de fazer, ás vezes, alguma coisa mais difficil?

A. — E' bom, sim, quando não é muito difficil.

P. — Começemos, então, por você, Pedro. Tome esta fita metrica e meça este arco de barril.

A. — Ao redór?

P. — Sim. Que especie de linha você vae medir?

A. — E' uma circumferencia: uma linha curva.

P. — Trace, em primeiro lugar, no quadro-negro, uma recta sobre a qual você marcará o comprimento dessa circumferencia. Chamamos a isso *rectificar* a circumferencia.

A. — (Traçando uma recta.) Por emquanto está *indefinida*.

P. — Bravo! Muito bem. E porque?

A. — Porque ainda não sei que comprimento ella vae ter.

P. — Venha, Mario, ajudar Pedro a medir este arco.

A. — (Medindo.) Mede 1,^m56.

P. — Meça de novo. Precisamos duma medida que seja a mais exacta possivel.

A. — (Medindo de novo.) Esta vez não escapou a fita metrica. Mede 1,^m57.

P. — Agora, você já sabe que comprimento deve ter a sua recta.

A. — (Marcando.) A recta AB tem 1,^m57.

P. — AB, ou a circumferencia rectificada, é igual a 1,^m57. Veja quanto mede o arco, dum lado ao outro.

A. — O diametro?

P. — Justamente.

A. — O diametro já é linha recta; não é preciso rectificar-o. Este mede justinho 0,^m50: meio metro.

P. — Faça agora uma linha desse comprimento, embaixo da circumferencia rectificada.

A. — (Traçando.) Aqui está a medida do diametro dessa circumferencia. CD é igual a 0,^m50.

P. — José e Manoel vão medir e rectificar esta circumferencia grande, que eu tracei aqui neste outro quadro-negro. Podem marcar a circumferencia, sempre AB; e o diametro, CD.

A. — (Medindo.) A circumferencia méde 3,^m455.

A. — E um pouquinho mais.

P. — E' impossivel que estas nossas medições estejam bem exactas.

A. — A fita metrica escapou muito.

A. — E o giz tambem.

P. — Agora, achem o diametro.

A. — O diametro é 1,^m1.

P. — Meça e rectifique a circumferencia dessa tina.

A. — Quem vae me ajudar?

P. — Venha, Paulo.

A. — A tina mede, na boca, 1,^m885. (Traça uma linha deste comprimento.) O diametro mede 0,^m60. (Traça outra linha com esta medida.)

P. — Venham Antonio e Alberto fazer a ultima medição: a circumferencia e o diametro do meu tinteiro.

A. — (Depois de medir.) AB é igual a $0,^m189$ e CD é igual a $0,^m06$.

P. — Temos aqui no quadro-negro, quatro circumferencias rectificadas, um arco de barril, uma circumferencia no quadro-negro, a bocca duma tina e meu tinteiro.

Serão essas circumferencias do mesmo tamanho?

A. — São bem differentes. Ahi estão, aproximadamente, em linhas rectas, as medidas das circumferencias.

P. — Tambem temos as medidas dos differentes diametros. São eguaes?

A. — As circumferencias maiores têm diametros maiores, e vice-versa.

P. — Nossa classe tem quatro filas de carteiras. Os alumnos da 1.^a fila vão dividir a medida da circumferencia do arco de barril, pelo seu diametro.

A. — Nós desta fila, vamos dividir $1,^m57$ por $0,^m50$?

P. — Justamente. Os da 2.^a fila vão dividir a circumferencia grande pelo seu diametro.

A. — Nós vamos dividir $3,^m455$ por $1,^m1$.

P. — Os da 3.^a fila farão a mesma conta com as medidas da tina.

A. — $1,^m885$ divididos por $0,^m60$.

P. — Os da 4.^a fila farão o mesmo calculo com as medidas do tinteiro.

A. — $0,^m188$ divididos por $0,^m06$.

P. — Todos vão aproximar a divisão até centesimos.

Tomem os seus lapis e façam, nos seus blócos, as divisões.

P. — Agora, lapis nas carteiras. Responde só o alumno a quem eu me dirigir.

Que resultado obteve você, Alberto, da 1.^a fila?

A. — 3,14.

P. — E você, Pedro, da 2.^a fila?

A. — Tambem 3,14.

P. — E você, Mario, da 3.^a fila?

A. — Deu 3,14 também.

A. — (Da 4.^a fila.) Que engraçado! Para nós todos deu quasi o mesmo quociente. Para mim deu 3,13.

P. — Isso foi porque o tinteiro era menor e mais difficil de se obter a sua medida bem exacta.

A. — Os dividendos e os divisores tão differentes e os quocientes eguaes!...

P. — Esse quociente que vocês obtiveram e que foi *egual, constante*, é a *relação constante* que existe entre a circumferencia e o seu diametro. Chama-se *pi* essa relação constante, e se escreve π

A. — Que nome engraçado!

P. — E' uma letra grega. Venha ao quadro-negro, Waldemar, fazer um *pi*.

Aprendam todos a fazel-o e o seu valor, que é...

A. — E' egual a 3,14.

(*Com fios ou barbantes poderão os alumnos verificar que toda circumferencia contém o seu diametro 3 vezes e mais um pouquinho.*)

P. — Amanhã continuaremos a lição do *pi*.

HISTORIA DO BRASIL

OS PRESIDENTES

(*Continuação*)

Professor. — Vamos continuar a nossa aula de Historia do Brasil.

Estudaremos hoje o terceiro presidente da Republica, que succedeu no poder ao marechal... quem sabe?

Alumnos. — Floriano Peixoto.

P. — Sim. O grande e benemerito patriota, representado nesta gravura, chama-se... leia o nome desse illustre brasileiro, Luiz.

A. — O Dr. Prudente de Moraes.

P. — Perfeitamente. Prudente de Moraes tomou posse do governo, no dia 15 de novembro de 1894 e governou quatro annos, deixando portanto o seu alto cargo . . . em que dia, João?

A. — No dia 15 de novembro de 1898.

P. — Muito bem. Foi seu successor o quarto presidente da Republica, o honrado paulista Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles.

A. — E o Dr. Prudente de Moraes tambem era paulista, professor?

P. — Sim, meu pequeno. O Dr. Prudente José de Moraes Barros nasceu na cidade de Itú, no dia 4 de outubro de 1841.

A. — Eu ouvi dizer que o Dr. Prudente de Moraes foi tambem presidente de S. Paulo. E' verdade, professor?

P. — Sim, meu amiguinho, e foi um optimo governador. A elle devemos o desenvolvimento do Corpo de Bombeiros; augmentou a immigração; creou districtos policiaes; elevou o numero de eleitores do Estado, consideravelmente; cuidou com carinho da instrucção publica, creando escolas-modelo e mandando construir na Praça da Republica o actual edificio da Escola Normal; tratou de elaborar o projecto da Constituição de nosso Estado etc.

A. — O Dr. Prudente de Moraes occupou ainda outros cargos publicos, professor?

P. — Sim. Foi deputado provincial; deputado federal; chefe do Partido Republicano Paulista; fez parte da junta governativa do Estado; foi presidente da Constituinte e, finalmente, presidente da Republica.

A. — Quaes os factos principaes de seu governo, como presidente da Republica?

P. — O Dr. Prudente de Moraes assumiu a presidencia da Republica num momento muito critico. A guerra de Canudos, tornou ainda mais angustiosa a situação, custando aos cofres da nação muitos milhões. Felizmente a revolta foi suffocada, sendo morto o seu chefe — Antonio Vicente Maciel, conhecido por *Antonio Conselheiro*. Durante o seu governo, o Dr. Prudente de Moraes reatou as relações diplomaticas entre o Brasil e Portugal;

pôz termo á guerra civil no Rio Grande do Sul; conseguiu a retirada dos inglezes da Ilha da Trindade e a dos francezes do Amapá.

A. — Até quando governou, o Dr. Prudente de Moraes, professor?

P. — Até 15 de novembro de 1898, passando o governo ao quarto presidente que foi, como já ensinei . . . quem sabe? Fale você, José.

A. — Foi o Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles.

P. — Perfeitamente. Deste grande brasileiro trataremos noutra aula.

A. — O Dr. Prudente de Moraes já morreu, professor?

P. — Infelizmente, meu pequeno, no dia 3 de dezembro de 1902, na cidade de Piracicaba, deixou de existir para sempre tão illustre brasileiro, que prestou ao nosso paiz grandes beneficios.

EDUCAÇÃO CIVICA E MORAL *

O JURY, SUA IMPORTANCIA, SUA ORGANIZAÇÃO E SUA NECESSIDADE. DEVERES DO JURADOS

(Continuação)

Professor. — Vamos continuar a nossa lição sobre o jury. Falaremos hoje, conforme lhes prometti, dos deveres dos jurados.

Alumno. — O Sr. vae nos falar sobre os homens que julgam os criminosos, não é?

P. — Justamente: vou falar desses homens e dos seus deveres. Muita attenção! Algum de vocês tem lido nos jornaes noticias sobre o jury?

A. — Eu leio quasi sempre o seguinte: "*Hoje não houve sessão por falta de numero.*" Que quer dizer isso, professor?

* Na lição passada, pag. 12, onde se lê: *despronuncia-o* e *despronunciado*, leia-se: — *impronuncia-o* e *impronunciado*.

P. — Quer dizer que não houve julgamento algum, por não haver comparecido o numero legal de jurados.

A. — Mas, os jurados não são obrigados a comparecer?

P. — São, sim, e quando não comparecem são multados, salvo em caso de molestia, nojo, ou outro motivo justo, plenamente provado. Infelizmente, porém, muitos ainda ha que preferem pagar multa do que cumprir o nobre dever civico de comparecer ás sessões do jury, quando sorteados.

A. — Mas, si elles pagam a multa, não fazem mal...

P. — Você pensa que não faz mal?

A. — Assim eu penso, sim, senhor.

P. — Pois, não é assim, meu pequeno. Além de sêr uma falta de patriotismo, é tambem uma falta de humanidade, de amor ao proximo, o jurado não se apresentar.

A. — Porque, professor?

P. — Já vae saber: a cadeia está cheia de réos, aguardando, ansiosos, o seu julgamento. Muitos presos ha, que lá estão ha mais de um anno! E isto porque?

Porque, como já lhes disse, ha ainda muitos jurados que não sabem cumprir com os seus sagrados deveres civicos.

A. — E' verdade! O Sr. tem muita razão!

P. — Quando vocês forem homens e sorteados para servirem no jury, não fujam nunca ao cumprimento deste nobre e santo dever.

A. — Eu nunca hei de fugir!

P. — Lembrem-se que a sua falta poderá prender nas grades duma cadeia, por mais alguns mezes, homens que talvez si fossem julgados, teriam sido restituídos muito antes á liberdade, ao seio da familia.

A. — E' mesmo. Eu tambem nunca hei de fugir de sêr jurado!

P. — Continúem attentos. A funcção do jurado é muito nobre, como já lhes disse. Elle deve sêr, mais ou menos, culto e possuidor dum coração isento de toda a maldade. O homem que julga um seu semelhante, não deve absolvel-o ou condemnal-o, sem muito reflectir, sem muito pensar. Deve responder aos quesitos, affirmando os factos como lhe parecem provados. Si

assim procedendo, o réo fôr absolvido ou condemnado, nenhuma responsabilidade lhe cabe. Quem se condemna ou se absolve é o proprio accusado, si procedeu contra ou conforme a lei.

A. — E como é que o jurado responde ás perguntas do juiz?

P. — Elle deve responder *sim* ou *não*, conforme as provas do processo.

A. — E si elle tiver alguma duvida, como ha de responder?

P.. — Nesse caso, o jurado deve responder a favor do réo, pois é preferivel absolver um culpado do que condemnar um innocente.

Antes de terminar esta lição, mais uma vez eu lhes peço meus meninos: não fujam, quando homens, ao cumprimento sagrado de servir no jury. Não alleguem nunca muito serviço, para se esquivarem ao dever do jury. Não ha de sêr aos vagabundos que se ha de confiar a elevada missão de julgar os nossos semelhantes. O jury, meus meninos, deve sêr formado de homens honestos, trabalhadores, e de consciencia e responsabilidade.

BOTANICA

AS FOLHAS

(1.º ANNO)

As folhas naturaes colhidas pôdem constituir um pequenino herbario, interessando ás crianças guardarem-n-o como lembrança dos proprios estudos.

Em geral, habituar a criança a colleccionar, fôrma-lhe o gosto e assim se consegue que estude praticamente, observando sempre em seus passeios o que na classe lhe attrahiu a attenção.

O desenho auxilia poderosamente a prender a attenção tão necessaria para a disciplina escolar; a movimentar a classe; a evitar a monotonia das explicações.

Professora. — Venha, Julieta, traçar na pedra uma serrinha.

Alumna. — Não sei fazel-a.

P. — Você nunca viu uma serra?

Trace uma linha recta horizontal, e agora suba pelas pontas duas outras pequenas rectas. Bem. Para unir estas ultimas, faça uma porção de dentinhos. Assim, suba e desça.

A. — Que serra feia!

P. — Está bem. Luiza, tome esta escovinha humida e bata com ella nesta folha de mangueira, aqui emcima da mesa.

A. — Está saindo uma massa verde; vae ficando uma redinha cheia de fiozinhos unidos aqui e ali.

P. — Ruth, passe o dedo pelos lados desta folha.

A. — Risca o meu dedo. Aqui está uma serrinha.

A. — A nossa lição é sobre folhas?

P. — Sim, minha advinhadora. Diga-me, agora, quantas partes tem essa folha?

A. — Só uma; a folha não tem partes.

P. — Examine-a bem.

A. — Ah! ... tem este cabinho e esta parte achatada. Tem duas partes.

P. — Justamente: o cabo, que se chama *peciolo*, e esta parte *alongada*, com duas faces — chamada *limbo*. Que notam de differença nessas faces? Olhem bem.

A. — A face de cima é mais escura.

A. — Tem mais brilho.

A. — A de baixo é mais clara.

A. — Tem uma porção de *veias* crescidas.

P. — Donde saem essas veias?

A. — Desta outra mais grossa, que é a continuacão do cabinho.

P. — E como se chama ao cabinho?

A. — (?)

P. — Já se esqueceram? Venha escrever na pedra, com este giz verde: — *peciolo*.

A. — E as veias que nome terão?

P. — Têm um nome parecido com um outro do nosso corpo?

A. — Nervos, será?

P. — Muito bem! Chamam-se *nervuras*.

A. — E para que presta a serrinha, agora?

P. — Determina as especies de folhas... Mas, vamos hoje só aprender que as folhas pôdem sêr: *simples* ou *compostas*.

A. — (Apresentando uma folha da roseira.) Esta folha é simples?

P. — Não. E' uma folha composta. Veja que ha cinco, presas no peciolo.

A. — E esta? (Apresentando uma folha de laranjeira.)

P. — E' simples.

A. — A senhora viu como ficou a minha folha esfolada, com a escova?

P. — Isso nos mostra que a folha tem uma parte verde enchendo as nervuras todas.

A. — Essa parte tambem deve ter um nome, não?

P. — Tem, sim; mas hoje basta o que aprenderam. Vejamos.

A. — A folha pôde sêr simples.

A. — Pôde sêr composta.

A. — Tem duas partes.

A. — Peciolo.

A. — Limbo.

A. — A face de cima é mais viva.

A. — A face de baixo é mais clara.

P. — Continuaremos noutra aula a estudar as folhas e sua utilidade.

PHYSICA

ESTADOS DOS CORPOS

E' mais proveitoso levar a classe a conhecer os caracteristicos e os resultados das forças de cohesão e repulsão do que conhecer essas forças pelos seus nomes.

Professor. — (Deixando cair agua sobre uma folha de papel inclinada num taboleiro de areia.) Como é que caminha esta agua?

Alumno. — Corre.

P. — (Inclinando menos o papel.) E agora?

A. — Ainda corre.

P. — (Pondo uma pedrinha sobre um livro, inclinando-o primeiro um pouco e depois mais.) E este corpo move-se?

A. — Escorrega, mas devagar. E' preciso o livro estar bem inclinado para a pedra cair depressa.

P. — E cáe espalhando-se como a agua?

A. — Não. A agua espalhou-se ao cair, e a pedrinha cahiu inteira.

P. — Algum de vocês já reparou o que faz um regatozinho ao descer um barranco?

A. — Corre depressa até chegar embaixo.

P. — Supponhamos que no seu curso elle encontre capim, seixos etc. Estas coisas o impedirão de cair?

A. — Não, senhor. A agua as rodeia e vae indo.

P. — Mas, si pelo mesmo barranco cair uma pedra e encontrar-se no caminho com uma moitazinha de capim, por exemplo, o que acontece?

A. — A pedra se enrosca e fica parada.

P. — Olhem as nuvens. Acham vocês que alguma força as impeça de correr?

A. — Parece que não.

P. — Já repararam, quando ha muita fumaça na cozinha, como a casa logo fica cheia tambem?

A. — Podemos fechar as portas e janellas; é inutil: a fumaça entra sempre.

P. — (Tendo agua num cópo.) Que fórma, que feitio tem a agua?

A. — A fórma do cópo.

P. — (Jogando alguma agua no chão e no taboleiro.) E agora?

A. — No chão espalhou-se toda.

A. — No taboleiro tambem tomou a fórma do fundo do taboleiro.

P. — Notem que a agua não se augmenta; só muda de fôrma. (Pondo agua na mão do alumno.) Diga-me, Alvaro, que fôrma tem a agua que está na sua mão?

A. — A fôrma da concha da minha mão.

P. — (Pegando uma penna, põe-na, successivamente, no cópo, no chão, no taboleiro e na mão do alumno.) E esta penna varia de fôrma, quando eu a mudo de logar?

A. — Não, senhor. A penna tem sempre a mesma fôrma, onde quer que esteja.

P. — E a fumaça será como a penna ou como a agua?

A. — E' como a agua: muda de fôrma, conforme o logar onde está.

P. — Ha uma differença: a agua espalha-se até certo ponto e ahi pára; a fumaça tende a occupar todo o espaço.

Todos os corpos que, como as pennas, têm fôrma propria e volume determinado, são *corpos sólidos*.

A. — Os corpos sólidos param onde encontram obstaculo.

P. — Dê, Americo, o nome de quatro corpos sólidos.

A. — O livro, o lapis, a borracha, o tinteiro, são corpos sólidos.

A. — O tinteiro é sólido, mas a tinta que está dentro não é.

A. — A tinta tem as mesmas propriedades que a agua.

P. — A tinta, a agua e todos os corpos que têm volume determinado mas não tem fôrma propria, são *corpos liquidos*.

A. — E tomam a fôrma da vasilha em que estão.

A. — Os corpos liquidos molham.

P. — Ha um liquido o *mercurio*, que não molha.

Dê-nos, Arthur, os nomes de quatro outros corpos liquidos.

A. — O vinho, o alcool, a gazolina e o vinagre são corpos liquidos.

A fumaça é um *corpo gazoso*. Os corpos gazosos não têm fôrma nem volume determinados. Uma vez livres, tendem constantemente a occupar maior espaço. Sóbem e espalham-se com facilidade. São tambem muito compressiveis.

Vejamos que corpos gazosos conhece, Adalberto?

A. — O ar e o gaz são corpos gazosos.

P. — Usamos para combustivel, para queimar, corpos sólidos, liquidos e gazosos.

Quaes serão os sólidos?

A. — A lenha e o carvão.

P. — E os liquidos?

A. — O kerozene, a gazolina etc.

P. — E o gazoso?

A. — O gaz.

PHYSIOLOGIA

QUEIMAS

Os conhecimentos detalhados e minuciosos são um verdadeiro martyrio para a mente infantil, ao passo que as noções interessantes e illustradas despertam curiosidade e enthusiasmo na criança, muito corroborando para a sua cultura intellectual.

Professor. — (Dando um espelho a um alumno.) Chegue a bocca a esse espelho e veja o que acontece.

Alumno. — Porque será que quando chegamos a bocca bem perto dum espelho fica elle todo embaçado?

P. — Isto se dá, em virtude do ar quente que sae dos nossos pulmões em fórma de corpo gazoso e passa ao estado liquido, ao chegar á superficie fria do espelho.

A. — E' verdade, e esse ar nós observamos muito bem no tempo de frio!

A. — Parece até vapor que sae das locomotivas.

P. — O nosso corpo póde mesmo sêr comparado ás locomotivas.

A. — Mas, nas locomotivas ha fogo, ha combustão.

P. — A nossa respiração é tambem uma combustão.

A. — Mas, na respiração não vemos fogo!

P. — E' isso mesmo, mas a respiração é uma combustão lenta; nella não ha chamma, mas ha calor bem regulado. E'

uma combustão resultante da combinação do oxygenio do ar com o carbono e hydrogenio.

A. — O oxygenio com o hydrogenio produz agua.

P. — Sim... Continuemos. Como a locomotiva, o nosso corpo precisa de combustivel e de ar.

A. — Nós precisamos de ar, isso eu sei, mas sobre o combustivel é que eu não entendo.

A. — Combustiveis não são lenha, carvão, gaz etc., tudo que serve para queimar?

P. — Perfeitamente. Mas, o nosso combustivel é o alimento. E' nesse alimento que vamos encontrar o hydrogenio e o carbono.

A. — Nas locomotivas põe-se o combustivel directamente na fornalha.

A. — Onde é que o ar se encontra com o nosso combustivel? Parece que cada um vaé pelo seu caminho!...

P. — O caminho do alimento já aprenderam. Vejamos o ar. (Mostrando um desenho do appparelho respiratorio.)

O ar que precisamos é introduzido nos pulmões pela bocca e pelo nariz, larynge, trachéa e bronchios.

A. — Que caminho comprido!

P. — O ar contido nos pulmões perde ahi o oxygenio, que é absorvido pelo sangue. Parte é transformada em gaz carbonico; parte, em vapor de agua.

A. — E' esse que vemos sair da bocca quando faz frio?

P. — Justamente.

A. — O gaz carbonico é veneno, não é professor?

P. — Sim, e portanto precisa sêr expellido do corpo. O renovamento do ar nos pulmões é feito pela dilatação e contracção da caixa thoraxica.

As transformações gazosas, absorpção do oxygenio e desprendimento do gaz carbonico dão-se nos pulmões, mas a combustão, a oxydação, effectua-se em toda a parte do corpo.

A. — Então, o ar entra por aquelle caminho comprido, nos pulmões, e depois?

P. — Nos pulmões entra em contacto com o sangue. O sangue retira grande parte do oxygenio e leva-o ás diversas partes do organismo onde se dão as queimas.

A. — Nem o alimento nem o ar são utilizados logo ao entrar no organismo?

P. — Em vez da energia sêr produzida num lugar e enviada a differentes machinas, como acontece com a energia obtida por uma quéda d'agua, por exemplo, as queimas do nosso organismo dão-se em toda a parte, até nas menores cellulas transformando-se em energia. Esta energia é immediatamente utilizada.

A. — O ar e o alimento são transportados, como a energia?

P. — Como na locomotiva, essa energia tem muitas applicações: aos musculos dá movimento; aos nervos, sensibilidade; ás glandulas, o poder de segregar etc.

Comparámos o nosso organismo com uma locomotiva; agora vamos comparal-o com um systema de fornecimento de agua.

A. — Então, a agua tem de sêr toda reunida em reservatorios a uma grande distancia da cidade fornecida.

A. — E levada á cidade por meio de canos.

A. — E' ainda distribuida nas casas pelos differentes aposentos.

P. — Nos systemas modernos como o nosso, a agua é filtrada antes de sêr distribuida. No nosso caso, o reservatorio é o coração; os canos são as veias e arterias.

A. — E o filtro?

P. — Os pulmões filtram, purificam.

Os homens que trabalham nos reservatorios e filtros de agua, não retiram dahi agua, quando têm sede — vão ás torneiras. Assim, no organismo o alimento e o ar não são usados nos systemas respiratorio e digestivo que os recolhem; estes os mantêm e preparam-n-os nas varias cellulas do organismo.

A. — E os differentes aparelhos destes systemas não precisam de alimento e ar?

P. — Estes systemas têm suas veias e arterias, suas *torneiras*, levando-lhes e trazendo alimento já preparado.



HYGIENE

HYGIENE INDIVIDUAL; SUA NECESSIDADE COMO MEIO DE
CONSERVAR A SAÚDE

Quem quer que tenha tentado ensinar uma criança a zelar da sua saúde, não poderá deixar de notar-lhe uma completa indiferença pelo assumpto. A natureza parece não a ter dotado do instincto da preservação. Ainda mais: a perfeição individual não a interessa. O professor poderá cansar-se de dizer que é preciso sentar-se direito, para não produzir curvatura na espinha e não prejudicar o funcionamento dos pulmões, e logo o alumno se esquecerá da recommendação. Mas, o mesmo alumno está sempre prompto a fazer qualquer coisa que dalgum modo o auxilie a correr mais que os collegas. Aproveitemos esta sua disposição, esta inclinação, que muito o auxiliará nas noções de hygiene individual, que precisa conhecer.

Alumno. — Já são horas de gymnastica! Que maçada!

Professor. — Porque? Então você não gosta dos jôgos, Arthur?

A. — Não gosto muito, não, senhor.

A. — Elle não gosta, porque sempre perde nas corridas.

P. — Sabem, porque elle sempre perde? E' porque, quando Arthur está sentado, se curva muito sobre o livro ou o caderno.

A. — Mas, isso faz mal para as corridas?

P. — Muito mal. Si vocês sentarem-se mais direitos, seus pulmões poderão funcçãoar mais livremente; vocês respirarão melhor, e portanto correrão mais.

A. — O folego fica mais comprido.

A. — Vou sentar-me bem direito, agora.

A. — Eu gosto das corridas, dos jôgos, mas não gosto da gymnastica. Cansa muito.

P. — Diga-me uma coisa: você prefere viver pallido, adontado, ou sêr forte, corado, sadio?

A. — Ah! Eu não gosto nada de ficar doente.

A. — Perdi um bom jogo de *foot-ball*, outro dia, por estar doente.

A. — E os remedios...

P. — E' muito mais facil conservar a saúde que temos, do que procurar recuperal-a depois de perdida.

A. — Além disso, soffremos muito e damos incommodos aos outros, não é?

P. — Perfeitamente... outro motivo para zelarmos da nossa saúde. Ouçam, então, e observem estas regras para se ter saúde: 1.^a Devemos fazer exercicio systematica e regularmente.

A. — Quer dizer todos os dias, não é?

P. — Sim. Ha quem diga que é preferivel não fazer exercicio, a fazel-o irregular ou exageradamente.

A. — E as outras regras?

P. — A 2.^a regra a observar é o asseio.

A. — Agua em quantidade?

P. — Sim, e além disso, comer comida nutritiva e mastigar bem o alimento; trazer os intestinos sempre em boas condições; dormir pelo menos oito horas.

A. — Deitar cedo e levantar cedo.

P. — Respirar um ar puro; evitar bebidas alcoolicas e o fumo.

A. — Para mim tudo isso é facil, menos o deitar cedo.

A. — O Arthur não gosta do exercicio.

A. — Eu me esqueço de mastigar bem a comida.

P. — Diga-me, Armando, o que precisa o dono dum automovel fazer, para que o seu auto funcione bem?

A. — Precisa dar-lhe gazolina e oleo.

A. — Examinar as baterias e renovar-as.

A. — Conservar em ordem os pneumatics.

A. — Precisa cuidado com o motor, com os breques etc.

P. — Os mesmos cuidados applicam-se á machina humana. Quando ella está enfraquecida, desmanhada, quebrada, é quasi sempre nossa a culpa. Afim de conservar nossa saúde, precisamos obedecer ás leis da natureza.

A. — E' por isso que os indios são tão fortes.

P. — E' preciso fornecer ao nosso organismo alimento apropriado, conservar o sangue puro e rico.

O coração é o grande motor da machina humana e precisa sêr bem tratado. E' preciso que o ar se misture bem com o sangue nos pulmões.

A. — E sentar direito para que elles funcçionem bem.

P. — Os póros precisam ficar livres, para eliminar elementos desnecessarios. E a agua por dentro activa o figado e os rins, que são partes muito importantes desse machinismo.

Para que os nossos organs funcçionem bem, possam desempenhar o trabalho que delles é esperado, e tenhamos portanto saúde, é preciso que lhes forneçamos o necessario alimento, agua, ar, repouso e exercicio.

Quanto menos energia tiver uma machina, menos serviços poderá prestar. Com a machina humana dá-se o mesmo.

O exercicio consome tempo e trabalho, mas os resultados obtidos, compensarão abundantemente.

Saúde é alegria; doença é tristeza. Saúde é riqueza; doença é miseria.



PEDOLOGIA

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEYRAT. — Trad.)

(Continuação)

CAPITULO V

O TYPO AUDITIVO

O *typo auditivo* se reconhece pelos caracteres analogos aos que distinguem o visual, e o que dissemos de um pôde-se applicar ao outro, *mutatis mutandis*. São as imagens auditivas, então, que apresentam uma vivacidade particular e que servem de base ás diversas operações intellectuaes. Assim, por exemplo, emquanto o visual quando se recorda duma pagina, nella vê os caracteres impressos, o auditivo *ouve* o som das palavras. Neste, além disso, a memoria apresenta phenomenos tão extraordinarios como no primeiro. Cita-se o caso de Mozart, que, aos quatorze annos, depois de ter ouvido *uma só vez* na capella Sixtina o *Miserere*, de Allegri, cuja copia era prohibida pelos papas, reteve na memoria toda essa obra, composta de muitas partes e cheia de acórdes estranhos e delicados.

Mas, por mais surprehendente que seja uma tal memoria, ella não é excepcional.

M. Buchez diz ter conhecido muitos artistas que podiam ouvir um longo trecho sob a fórmula de execução orchestral e reproduzil-o immediatamente no piano. Um director de orchestra, apreciadissimo no meio musical de Pariz, lhe assegurou que lendo uma partitura escrita, elle *ouvia* não sómente os acórdes e suas successões, como ainda os sons dos instrumentos. Quando se lhe submettia uma nova partitura, ou symphonia,

á primeira leitura elle distinguia o *quarteto*; á segunda e nas seguintes, elle percebia nitidamente os outros effeitos. Esta faculdade de audição interna parece surgir desde cedo em certos cerebros privilegiados. "Reyer conta o caso duma criança de nove mezes, que repetia exactamente as notas tocadas num piano. O filho de Stumpf subia regularmente a escala cantando, na idade de quatorze mezes. O filho do compositor Dvorak, na idade de um anno, cantava com sua ama a marcha de *Fatinizta*; com um anno e meio, cantava as melodias de seu pae, que o acompanhava ao piano." (Ballet.)

Não é pois de admirar que, desde sua tenra idade, muitos grandes musicos tenham dado prova duma incrível *imaginação* auditiva. Mozart (que é preciso sempre citar quando neste assumpto se tratar de dons naturaes) prodigio de precocidade, já compunha, na idade de seis annos. "Um dia, ao regressar da igreja, o pae de Mozart encontra-o inclinado sobre uma folha de papel de musica, com a penna na mão, os dedos sujos de tinta e fazendo borrões. Então, pede-lhe explicações das garatuhas. Sem se enlear, o pequeno responde que aquillo era um *concerto* de cravo. O pae toma esta resposta e as garatuhas como um brinquedo de criança; mas, afinal, o ar serio e a applicação do filho o deixam espantado; elle examina com attenção o papel de musica e reconhece naquellas *garatuhas* um verdadeiro *concerto* de piano e duma execução muito difficil." Aos doze annos, Cherubini fez executar uma missa solenne. Mendelssohn, aos doze annos, corrigia um *oratorio* de Bach. Pouco depois, seu primeiro mestre, Zelter, escrevendo a Gœthe, assim falava do seu discipulo: "Hontem deu-se um grande acontecimento: a representação, entre intimos, da ultima opera de Felix, a *quarta já*. Tres actos entremeiados de bailados. Todos os espectadores ficaram satisfeitos. Quanto a mim, estou cheio de espanto. O rapaz ainda não tem quinze annos. E aquillo é musica, verdadeira musica, original, nova, cheia de grandeza, de character. Tudo ahi decorre com serenidade e amplitude, tudo é dramatico, tranquillo e coordenado. Impossivel demonstrar mais habilidade no emprego de vozes, desdobrar um genero de instrumentação ao mesmo tempo audaz e rico."

Alguns musicos realizam combinações de sons, muito complicadas sem o auxilio de instrumento: "Beethoven compunha passeando e jámais escrevia uma só nota, sem que primeiro terminasse o trecho que tinha concebido." Tendo ficado surdo, nos ultimos annos de sua vida, ainda compunha, e como coisa indispensavel para que elle pudesse observar o effeito da musica, repetia interiormente longas symphonias. Facto analogo se produz entre certos romancistas ou autores dramaticos. M. Bernard, refere a proposito um exemplo curioso que assignala bem de que modo diverso procedem a imaginação do auditivo e a do visual: "Quando escrevo uma scena, dizia Legouvé a Scribe, eu *ouço*; vós *vêdes*; a cada phrase que eu escrevo, a voz do personagem fala a meus ouvidos. Para vós, que sois o proprio theatro, os vossos actores marcham, se agitam aos vossos olhos; eu sou *auditor*, vós sois *espectador*. "Nada mais justo, diz Scribe: sabeis onde eu estou quando escrevo uma peça? No meio da platêa."

(Continúa.)

A EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUET. — Trad.)

(Continuação)

V

PSYCHOLOGIA INFANTIL

Eis a criança de posse dos seus sentidos, organs de relação entre ella e o mundo exterior. Ella em via de aquisição desses meios mais aperfeiçoados de relação que se chamam a linguagem e a marcha, que só attingirão um desenvolvimento sufficiente no fim do primeiro anno. Vejamos agora como vaee ella se comportar não só perante si, como perante as coisas que a cercam.

1. — O HABITO, A MEMORIA

A criança é um ser que se rege pelo habito.

Este habito é exclusivamente trabalho de educação, é uma

acquisição exogenia que existiria certamente, mas em condições mui diversas si a educação não intervesse. Tomemos por exemplo o habito de mamar a hora fixa, que se dá em geral, tão facilmente aos pequenos e que representa um papel importante na evolução de sua saúde physica. Durante as primeiras horas (de 12 a 24) que seguem seu nascimento, a criança não toma nenhuma nutrição e não tem necessidade disso. No fim desse tempo, ella bebe, seja no seio, seja na mamadeira, e a partir desse momento os educadores lhe farão tomar o habito de beber regularmente de duas em duas, ou de tres em tres horas. Nestas horas fixas e com uma regularidade extraordinaria a criança despertará do torpor, do meio-somno que occupa a maior parte do seu tempo e recordará, por meio de gritos, que chegou o momento de receber uma nova provisão alimentar. Na verdade, será preciso aos paes alguns dias para chegar a um resultado tão satisfactorio, mas passados esses dias, o resultado é certo, o habito é adquirido.

Poder-se-á insinuar que esse habito é, em realidade, creado pela necessidade, pela sensação de fome, que as rações nutritivas foram calculadas de tal sorte que bastam exactamente para o periodo de tempo que se escôa entre duas mamadas, e que é isto que regula os periodos de calma e de reclamação da criança. Isto poderia sêr admittido si não houvesse próva do contrario — o que se passa durante a noite. Ao mesmo tempo que se habituava a criança a mamar, por exemplo, de duas em duas horas ao dia, se a acostumava a não se nutrir á noite sinão a intervallos muito mais longos, duas vezes, por exemplo, entre as 10 horas da noite e as 5 ou 6 horas da manhã. Ora, é evidente que o recém-nascido não conhece a noite, não sabe ainda avaliar esta parte das vinte e quatro horas, que consagramos ao somno. Esta noção lhe é substituida pelo habito. Elle admitiria tambem que o intervallo entre as mamadas fôsse de duas horas durante a noite, e que, ao contrario, dormisse periodos mais longos durante o dia. Somos nós, os educadores, que lhe creamos o habito contrario.

O somno, de que acabámos de falar, na mór parte dos casos, conseguimos regularizar, com o sacrificio dalgumas noi-

tes sem repouso e a impôr sua regularidade á criança, e uma prova disso é o que se consegue em certas agglomerações de crianças, taes como as *crèches*. Ahi, as crianças, de edades differentes, de familias diversas, onde seus habitos eram igualmente diversos, se adaptam com a maior facilidade á regra do somno a hora fixa, que é talvez bem differente da que, em casa dos paes, consagravam a esse repouso. Raras são as crianças que não pôdem submeter-se a esta regra imposta pelas necessidades do serviço.

E, já que estamos neste capitulo, assignalemos os habitos muitas vezes extraordinarios que se pôde impôr ás crianças nas *crèches* e que vão quasi sempre ao encontro dos seus costumes e mesmo dos seus instinctos. Citarei, por exemplo, o habito de irem, a hora fixa, á privada e de satisfazerem suas necessidades com admiravel regularidade. Mas, ha melhor.

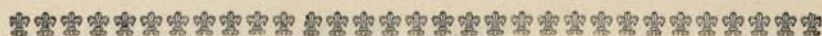
Numa *crèche*, que observo particularmente, ha muitos annos, a directora habituou todas as crianças a passar deante della todas as manhãs e a mostrar-lhe a garganta, que ella inspeciona com cuidado, para descobrir qualquer affecção que possa causar uma molestia eventualmente contagiosa.

Para os que sabem quanto é difficil examinar a garganta duma criança, ahi está uma prova frisante da facilidade com que ella se submete aos habitos. Poderiamos multiplicar estes exemplos, mas os precedentes nos parecem sufficientemente typicos.

A memoria toma uma grande parte na acquisição desses habitos. Não pôde evidentemente ahi haver habito, propriamente dito, si houver lembrança das coisas feitas anteriormente e repetidas em seguida, mas é preciso que nos primeiros tempos de sua vida a criança seja dotada duma memoria perfeitamente consciente e comparavel á do adulto. Durante os primeiros mezes, essa memoria é muito rudimentar e igualmente bastante fugaz.

(Continúa.)





LIÇÕES DE COISAS

O ARADO

(*Catalogos illustrados, de qualquer marca desse instrumento, servirão perfeitamente para a presente lição.*)

Professor. — Luiz passou as férias na fazenda e vae nos contar o que fez por lá.

Alumno. — Tanta coisa! Mas o que eu mais gostava era de lidar com um instrumento parecido com um desses que ahi estão pintados.

P. — E sabe você o nome desta figura?

A. — Chama-se *arado*.

P. — E você, Paulo, sabe para que serve o arado?

A. — (?)

P. — Revolve-se a terra com o auxilio desse precioso instrumento agricola.

A. — E não é tão facil como parece!

P. — Porque difficil? Não é o cavallo, ou o burro, ou o boi, que faz o serviço?!

A. — Sim, mas a gente tem que dar a direcção certa.

P. — Muito bem. O arado deve manter-se sempre perpendicular ao *rego* ou *sulco*.

A. — Como será que sabem por onde hão de começar o trabalho?

P. — O bom arador divide o terreno que vae arar, em trechos ou pedaços eguaes.

A. — Na fazenda havia um camarada que arava em linhas tão rectas, como si fossem riscadas a regua.

P. — Distribúa, Mario, estes catalogos pela classe. Vamos aprender alguma coisa a respeito do arado. Primeiramente, para que serve? qual a sua utilidade?

A. — Serve para cortar a terra.

P. — Faz mais do que isso: revolve a terra. O instrumento que apenas abre sulcos é este (mostrando no catalogo) e chama-se *sulcador*. Não é propriamente um arado.

Ha uma infinidade de instrumentos agricolas parecidos com o arado e que se destinam a variados fins. Mas, voltemos ao nosso arado. Examine-o bem, Julio, e diga-me alguma coisa.

A. — Bem na frente, perto do lugar onde vae o cavallo ou o burro, ha uma ródinha.

P. — Ernesto, que tem você a me dizer sobre o arado?

A. — (Mostrando.) Este arado tem duas ródas.

P. — E você, Carlos?

A. — O arado que eu usei na fazenda, não tinha ródas.

P. — Quando o arado tem duas ródas, a menor ou *róda da terra*, deve fixar-se á altura correspondente á profundidade que se quizer dar ao sulco.

A róda grande ou *róda do sulco*, deve fixar-se ao nível da parte inferior do arado e determina a largura do sulco.

A. — E quando o arado não tiver ródas?

P. — Com os arados sem ródas tudo depende da destreza do arador, que regula a largura e a profundidade, segundo a sua vontade. (Mostrando o cabo.) E esta parte aqui?

A. — Todos os arados têm essa parte.

P. — E' a parte onde o homem segura. E' o *cabo*. Alguns são de madeira. Hoje fazem-se tambem de ferro.

A. — De ferro são mais resistentes.

P. — Esta parte, que corta e revolve a terra, é a *relha*. Aqui, esta outra parte é o *bico* ou *ponta do arado*.

A. — Todos os arados têm bicos assim?

P. — Os bicos e as relhas differem muito, conforme a natureza do terreno e conforme aquillo que se vae plantar na terra que se está preparando.

A. — Tambem as raizes das plantas são tão differentes!

P. — Bem pensado, Joaquim! Para alguns arados basta um animal; outros precisam de dois.

A. — (Mostrando.) Este é um *arado duplo*: têm duas relhas.

P. — Na pagina seguinte verá um, que tem varias relhas.

A. — Então, abre uma porção de sulcos duma vez?

P. — Justamente. E' um *arado multiplo*.

Alguns têm aqui (mostrando) junto da relha, um *facão*.
Nos mais modernos este facão é substituído por um *disco*.

A. — São melhores?

P. — Sim, porque o facão corta num só sentido, ao passo que o disco vae revolvendo e cortando muito mais.

A. — Quantos melhoramentos!

P. — Imaginem quanto trabalho não poupam os arados, para o agricultor!

A. — E' verdade! E como ha de ficar excellente a terra para sêr alinhada!

OS ADUBOS

Professor. — Algum de vocês já ouviu falar em *terra cansada*?

Alumno. — Eu já ouvi, professor?

P. — Diga-me, então, que quer dizer — *terra cansada*?

A. — Quer dizer: — terra que não produz.

P. — E porque não produz mais, Luiz?

A. — (?)

P. — Porque não possúe substancias necessarias para a alimentação e o crescimento dos vegetaes... E, quando encontramos uma terra cansada, não poderemos tornal-a forte, productiva?

A. — Eu penso que sim, pondo-lhe estrume.

A. — Devemos adubal-a.

P. — Muito bem. Devemos adubal-a, estrumal-a ou estercal-a, com materias taes que a tornem boa, forte, capaz de produzir. Infelizmente, no Brasil, o nosso *caipira* costuma abandonar as terras cansadas, procurando outros sitios onde ellas ainda não foram cultivadas.

A. — E' porque temos muitas terras, não será, professor?

P. — Sim, mas não é por isso que devemos abandonal-as, estereis, cobertas de cupins, samambaias e barba de bóde. Deve-

mos adubal-as convenientemente, como fazem os europeós. Si estes assim não procedessem, a Europa não produziria como produz.

A. — Como devemos adubar a terra, professor?

P. — E' justamente isto que vamos aprender hoje. Todos attentos. A melhor terra para o cultivo é aquella que tem, em proporções convenientes, cada um dos elementos mineraes que entram na sua composição: a *silica* ou *areia*, a *argilla*, o *calcareo* e o *humus*.

Quando a terra não possúe estes elementos, em proporção, precisamos adubal-a.

A. — Quaes são os melhores adubos, professor?

P. — Temos muitos. Pela analyse dos vegetaes, sabemos que os principaes elementos que entram na sua composição são: *carbono*, *azoto*, *oxygenio*, *hydrogenio*, *potassa*, *acido phosphorico*, *silica* e *cal*.

Sendo assim, os vegetaes para se desenvolverem precisam desses elementos. A terra que os não possúe, precisa, como já vimos, recebê-los, para que os vegetaes possam crescer. O carbono é retirado da atmosphera pelas folhas, e o sólo contém depositos inexgotaveis de silica, cal, oxygenio e hydrogenio, mas resente-se das proporções limitadas de *potassa*, *productos azotados* e *acidos phosphoricos*. Estes tres elementos são indispensaveis á vida da planta, e para elles não se acabarem é que recorreremos aos adubos... Quem é capaz de me dizer o nome dum adubo? Pódem falar.

A. — Papae diz que as folhas seccas, o lixo, o pó de café e a cinza são bons adubos.

A. — No jardim de casa, o jardineiro usa adubar a terra com pó de ossos.

A. — Na fazenda de meu tio, aproveita-se a palha de café para adubar a terra.

A. — O estrume dos animaes serve para adubar.

P. — Muito bem. Como vocês viram, nós temos diversos adubos de origem vegetal e animal. Além destes, ainda temos a *cal*, o *nitrato de sôda* e *potassa*, a *marga*, o *sal commum* etc. Temos ainda o *guano*.

A. — Eu já ouvi falar em guano, professor.

P. — O guano é um adubo de qualidade superior, formado, desde tempos mui remotos, pela accumulação do excremento de certas aves maritimas. Encontra-se em camadas espessas, nas costas do Chile e do Perú.

Ha tambem guanos artificiaes, fabricados com detricos de chifres, pellos, carnes, ossos etc.

Creio que todos vocês já sabem como devem adubar a terra para que ella fique forte, produzindo bastante, não é assim?

A. — Sim, professor.

ESTACA E MERGULHIA

Profesor. — Si vocês quizessem possuir em suas casas algumas laranjeiras, goiabeiras, roseiras etc., de que modo conseguiriam obter taes plantas? Quem quer responder? . . . Quasi todos querem. Muito bem! Pódem falar.

Alumno. — Eu compraria sementes.

A. — Eu arranjaría umas mudas.

P. — Perfeitamente. Então, vocês já sabem que para se conseguir a multiplicação dos vegetaes poderemos lançar mão das sementes ou das mudas. Não é isso mesmo, Raul?

A. — E', professor.

P. — Muito bem. Quem é capaz de me dizer si não ha outra maneira de se obter uma nova planta? Ninguém sabe?

P. — Prestem muita attenção e sempre que eu mandar, olhem para as figuras daquelle mappa. Podemos obter alguns vegetaes por meio de *estaca*, *mergulhia* e *enxertia*.

A. — (?)

A. — Que é *estaca*, professor?

P. — Já vae saber. Olhem e examinem bem esta primeira figura. Ella representa uma planta de *estaca*.

Este processo consiste em tirar-se uma haste dum vegetal e enterral-a no chão. Nascem nella raizes e o ramo se desen-

volve, formando uma nova planta, como vocês poderão vêr aqui nestas gravuras.

A. — E' verdade: a haste já está mesmo cheia de brotos!

A. — Professor, todas as plantas pôdem sêr multiplicadas assim?

P. — Nem todas, mas as que o pôdem, se desenvolvem muito depressa. Vamos tratar agora do segundo processo de reproducção dos vegetaes. Qual é mesmo esse processo, Joaquim?

A. — E' a *mergulhia*.

P. — Muito bem. A *mergulhia* é uma especie de processo por *estaca*. Vejam aqui esta figura. A unica differença que existe entre os dois processos, é que na *mergulhia* o galho escolhido só é destacado da arvore quando já criou raizes que lhe possam permittir viver isoladamente. Como estão vendo na figura, dobra-se o galho escolhido e mergulha-se no sólo a porção d'elle na qual se quer provocar a formação de raizes. Aqui está nesta gravura representada, bem nitidamente, a maneira de se obter uma *mergulhia*. Falta-nos agora falar sobre o terceiro processo de multiplicação das plantas. Quem se lembra desse terceiro processo?

A. — *Enxertia*.

P. — Perfeitamente. Como temos diversos modos de enxertos, na proxima aula delles trataremos.

O CALÇADO

Professor. — Porque está você mancando, Manoel?

Alumno. — Mandeí pôr sóla nova no sapato e o sapateiro collocou-lhe um préguinho que está me machucando o pé.

P. — Como deveria ter o sapateiro feito, em vez de pregar o prégo?

A. — Eu não sei, não, senhor. Só sei que quando meu sapato era novo não tinha prégo.

P. — Você tem razão. O bom sapateiro costura a sóla.

A. — Alguns empregam esses *torninhos* que usamos no 1.º anno.

P. — A proposito do préguinho no sapato do Manoel, nossa lição hoje vae sêr sobre os *calçados*. Que são *calçados*?

A. — (?)

P. — Pois não são esses objectos que protegem nossos pés?

A. — E' verdade! . . . os sapatos, as botinas, as chinelas etc. são *calçados*.

P. — Justamente. E de que são feitos os nossos *calçados*?

A. — Quasi todos os *calçados* são feitos de couro.

A. — Alguns são de panno ou de lona.

A. — Estes são os sapatos de sóla de borracha.

P. — E os de couro que especie de sóla têm?

A. — Têm sólas tambem de couro, mas muito grosso.

P. — Vamos suppôr que somos: uns, sapateiros; outros, freguezes, para quem temos de fazer *calçados*.

— Hoje em dia quasi todo o *calçado* é feito a machina, não é?

P. — E', sim. A fabricação diaria duma dessas grandes fabricas é colossal. Nós temos algumas bem importantes. Mas, o nosso *calçado* aqui vae sêr feito a mão.

A. — Dizem que é o melhor.

P. — Você, Mario, será o sapateiro; Arthur será o freguez. Qual é a primeira coisa que você perguntará, Mario?

A. — Que especie de *calçado* quer?

P. — E o que responderá você, Arthur?

A. — Quero um par de *borzeguins*.

P. — Que outras especies de *calçados* ha?

A. — *Botas, botinas, chinelas e sapatos*.

P. — Quem me diz como pôdem sêr os *calçados*?

A. — Pôdem sêr de abotoar, de elastico, de enfiar ou atar com cordões ou com fitas; ainda pôdem ter fivelas etc.

P. — A moda modificou muito o *calçado* . . . E os *calçados* de senhoras?

A. — Os *calçados* de senhoras variam muito nos saltos, que pôdem sêr: altos, médios ou baixos.

A. — A' Luiz XV . . .

P. — Sim, mas Arthur quer um par de borzeguins, não é?

A. — Sim: fortes e de boa apparencia.

P. — Tome a medida do borzeguim de Arthur, Mario.

A. — Vou tomar a sua medida para vêr que numero o senhor calça.

P. — Muito bem. Para que um calçado fique bom, é preciso saber o comprimento, a largura e a altura do pé. Quem quizer que o seu calçado se ajuste muito bem, tem a sua *fôrma* especial.

A. — Que é *fôrma*?

P. — (Mostrando.) E' esta peça de madeira sobre a qual o sapateiro costura as peças do calçado.

A. — Parece um pé.

A. — E' um pé de madeira.

P. — As *fôrmas* são feitas em duas partes para que possam sêr facilmente retiradas de dentro do calçado, quando prompto. Vejam bem esta *fôrma*. Nas grandes fabricas, as *fôrmas* são de ferro.

Supponhamos que com as medidas tomadas, Mario, você já conhece a *fôrma*. Que mais precisa saber do freguez?

A. — E' preciso saber de que couro, de que côr e formato o Arthur quer o calçado.

A. — Quero borzeguins de pellica preta. O formato ficará ao gosto do sapateiro. Só lhe recommendo que deseje calçado commodo!

P. — Bem procede você em fazer essa recommendação, Arthur, porque nada póde haver de peór do que calçado apertado.

A. — Agora, o freguez está despachado.

A. — Só tem que receber o calçado quando estiver prompto, e pagar a conta.

A. — Ah! E' verdade! Faltou tratar o preço.

P. — Deixaremos essa parte do negocio e vamos seguir a *fôrma* á officina.

A. — Cada official faz um serviço differente, não é?

A. — Em primeiro lugar, o couro é recortado?

P. — Sim: as diversas partes são cortadas. (Mostrando sempre.) Aqui, na frente, é *rosto* do calçado, que as vezes remata com uma *biqueira*. Atraz está o *talão*. Estão vendo?

A. — Sim: é a parte do calçado correspondente ao calcanhar.

P. — Chama-se *enfranque* esta parte que cobre a curva lateral do pé.

A. — Dessa parte eu não sabia o nome.

P. — Embaixo, todos sabem, fica . . .

A. — A *sóla*.

A. — E o *salto*.

P. — Forrando a *sóla*, interiormente, temos a *palmilha* ou o forro. Ainda ha a *entre-sóla* e o *contraforte*. Vejam, aqui.

A. — O forro reforça o talão?

P. — Um pouco . . . Dissemos que cada official tem uma especialidade.

A. — Eu só corto.

A. — Com o que cortam o couro?

P. — Com umas facas apropriadas.

A. — Precisam sêr bem afiadas. Eu já vi dessas facas.

P. — Outros officiaes ageitam o calçado ás fôrmas; outros costuram as diferentes partes.

A. — Costuram na machina?

P. — Sim: em machinas especiaes, com agulhas bem fortes.

A. — E as sólas?

P. — O sapateiro abre nellas os buracos por onde deve passar a agulha, com um instrumento agudo, chamado *sovela*.

A. — Eu conheço-o. Parece um espeto.

P. — (Mostrando.) A *sovela* e o *martelo* são os principais instrumentos de sapateiro. Aqui estão elles.

A. — Que engraçado o martelo!

A. — Uma das pontas é arredondada.

P. — Com esta parte elle bate, martela.

A. — Porque é arredondada?

P. — Para não estragar o couro.

A. — E o que faz elle com a outra extremidade?

P. — Com essa elle esfrega, amacia o couro.

A. — Quanto trabalho!

A. — Não é á tôa que o calçado está tão caro!

P. — Por isso mesmo precisamos trazel-o sempre limpo e engraxado, não só para poupal-o, como tambem porque é muito feio calçado sujo ou acalcanhado.

OS ÓVOS

Professor. — (Mostrando um ovo de gallinha aos alumnos.) Penso que todos vocês conhecem isto que eu tenho nas mãos, não é exacto?

Alumno. — Muito! . . . E' um ovo de gallinha.

A. — Os óvos não deviam se estragar, deviam?

P. — Porque?

A. — Porque a clara e a gemma estão tão bem guardadas, tão bem fechadas. Quando guardamos alguma coisa numa caixa bem fechada, não se estraga.

P. — Mas, qual é a caixa em que a gemma e a clara estão guardadas?

A. — E' a casca.

P. — Os óvos se estragam porque as cascas não são bem fechadas, como disse o Jorge. Ellas são porosas, permeaveis; deixam passar germens e gazes.

A. — Mas parecem tão fechadinhas!

P. — Quando se quer conservar óvos, trata-se de se tapar os póros das cascas.

A. — De que são feitas as cascas dos óvos?

P. — São de *carbonato de calcio*, endurecido.

A. — Então, têm cal?

P. — Têm e bastante . . . Mas, vejamos as outras partes dum ovo. Quaes são ellas, José? Vejam, aqui neste ovo que eu quebrei.

A. — Dentro vemos a *gemma* e a *clara*.

A. — Grudada na casca, na parte interna, ha uma pellezinha.

P. — E' uma membrana.

A. — E' verdade que a gemma é mais nutritiva que a clara?

P. — Contrariamente ao que se pensa, a clara é mais nutritiva. Entretanto, são precisas as duas partes para que o ovo seja um alimento completo, ou quasi completo.

A. — Que lhe falta para sêr completo?

P. — Faltam-lhe hydrocarbonatos . . . Com o pão ou a farinha de trigo, pôde-se dizer que elle seja completo.

A. — Eu gosto muito de ovos.

P. — Dois ovos são equivalentes a 100 grammas de substancia alimentar.

A. — O ovo é melhor que o leite?

P. — Um ovo equivale a uma chicara grande de leite ou a 40 grammas de carne, tendo ainda a vantagem de sêr facilmente digerido.

A. — Mas só os frescos.

P. — Isso não se discute! O uso de ovos velhos ou estragados é prejudicial á saúde.

A. — Quanta coisa gostosa não se faz com ovos!

A. — Nem se fale! As boas cozinheiras não pôdem passar sem ovos.

OS FILTROS

Professor. — Algum de vocês já bebeu agua numa fonte?

Alumno. — Eu, já, professor. E' uma agua muito fresca, muito limpa.

A. — Eu tambem já tomei agua numa fonte. Era tão limpa, que parecia agua filtrada.

P. — Sim: em geral, as aguas das fontes pôdem sêr bebidas taes como se apresentam.

A. — Porque é que se pôde beber agua das fontes, sem filtrar?

P. — As aguas das fontes já estão filtradas.

A. — Mas, quem as filtrou? Onde foram filtradas?

P. — Embaixo da terra, no sub-sólo. A natureza as filtrou e nos ensinou o processo de filtração.

A. — Como póde a terra filtrar, si não tem filtro?

P. — Com o seu *filtro natural*, sem duvida muito melhor que o substituto que o homem lhe copiou.

A. — Qual é o filtro da natureza?

P. — A areia e o pedregulho formam um filtro natural. . . Mas, vejamos afinal, o que é filtrar?

A. — E' limpar.

A. — Coar.

P. — *Filtrar* é fazer passar um liquido através de qualquer substancia que retire as impurezas que o alteram.

Uma vez que entramos neste assumpto, vamos estudal-o com attenção.

Porque será que precisamos filtrar a agua?

A. — Porque a agua sem filtrar é suja.

A. — O inspector-medico já nos explicou que a agua sem filtrar contém germens que pódem nos causar doenças.

A. — Especialmente o typho e o cólera.

P. — Mas, só filtramos a agua?

A. — (?)

P. — Podemos tambem filtrar licôres xaropes, vinhos, azeites etc.

A. — E como é que se faz?

P. — Servem de filtros: substancias como o carvão, a ser-ragem, o algodão, o papel, o panno; substancias como a lã, o feltro, a flanella etc; substancias mineraes como . . .

A. — A areia e o pedregulho.

P. — . . .o barro, a argilla, a porcellana, a pedra-pomes.

A. — Este moringue "Salus," que o senhor tem sobre a mesa, é um filtro muito bom, não é?

P. — Não é propriamente um filtro; esteriliza, purifica a agua, mas não é filtro. Delle trataremos opportunamente.

A. — Ha um papel especial chamado "papel de filtro," que serve para filtrar licôres. Eu já vi desse papel nas pharmacias.

P. — Sim: o "papel de filtro" é um papel apropriado para filtrar os liquidos. Delle havemos de falar.

A escolha da substancia filtradora é feita de accordo com a natureza da substancia a filtrar.

Vamos nos occupar só da filtração da agua.

A. — Eu já vi filtrar a agua com carvão.

P. — E' excellente filtro.

Tome, Mario, esta folha de "papel de filtro," extenda-a sobre este cópo e faça passar agua por ella.

A. — Ia passando tão bem, mas arrebentou-se o papel!

P. — Porque o papel é fraco, e além disso devia ter sido arranjado em fórma conica. Já vêm vocês que o papel não poderia servir para filtrar toda a agua de que se serve uma familia, quanto mais uma cidade.

A. — Então, a agua das torneiras já está filtrada?

P. — Deve estar. Quando se tem a sorte de tirar agua directamente da nascente, não é preciso filtral-a, porque ella já está purificada atravessando as camadas arenosas que fórnam o sub-sólo do terreno.

A. — Pelos filtros naturaes, não é professor?

P. — Justamente. O homem, imitando, faz ás vezes profundas vallas, chamadas *galerias filtrantes*, ao longo das margens dos rios e onde vem ter a agua filtrada.

A. — A agua filtra-se ao passar do rio ao canal?

P. — Sim... Outras vezes, o systema consiste em grandes reservatorios construidos de alvenaria, onde são depositadas substancias filtrantes.

A. — Areia e pedregulho?

P. — Exactamente, e na seguinte ordem: pedregulho grosso, depois mais fino, areia grossa e, finalmente, areia bem fina. Nalguns logares exige-se que esses grãos de areia tenham de diametro um terço de um millimetro.

A. — Fica como pó!

P. — A camada de areia fina deve sêr muito maior que as outras. Este é o systema usado em nossa Capital.

A. — Ferve-se tambem a agua para purifical-a?

P. — Sim: é um bom processo de purificação da agua.

A's aguas muito impuras não basta a filtração; é preciso purifical-as com substancias chimicas. O chloro e seus derivados são os mais usados.

A. — Mas, essas substancias não mudam o gosto da agua?

P. — Esse é um dos inconvenientes.

A. — Depois de filtrada nos reservatorios, passa aos canos e ás torneiras?

P. — Sim, e para completar a filtração cada um de nós tem em casa o seu filtro.

A. — O nosso tem uma só véla.

A. — Eu já vi um filtro com uma porção de vélas.

P. — Ha filtros de diversos systemas, feitos e autores. O filtro *Chamberland*, tambem chamado *Pasteur*, de porcellana porosa, é o melhor, embora seja vagaroso.

A. — O nosso é dessa marca.

A. — A capacidade dos filtros varia de 2 litros por minuto a 4 litros por hora.

A. — Cada véla, não é?

P. — Sim. Quando o filtro tem que servir para muita gente, é preciso ter um systema ou bateria de vélas.

A. — Foi desses que eu vi num hotel.

P. — E' preciso muitissimo cuidado em manter bem limpas as vélas dos filtros.

A. — Quando as vélas estão sujas não filtram?

P. — A materia organica enche os póros, e os microbios conseguem passar ao interior.

A. — Quanto microbio não recebe quem usa agua sem filtrar!

PESO

Professora. — Vejam bem o que eu vou fazer e o que acontece.

Alumno. — A senhora pôz uma rolha dentro desse copo com agua; mergulhou-a na agua e ella subiu á superficie.

P. — Porque seria que aconteceu isso? Porque foi que a rolha subiu?

A. — (?)

P. — Ha corpos que mergulhados na agua voltam á superficie: sóbem, porque são muito mais leves que a agua.

A. — Foi o que aconteceu com a rolha.

P. — O ar quente tambem se eleva em vez de descer.

A. — Porque?

P. — Veremos daqui ha pouco, Luiz. Tome esta pedra, este lapis e este pedaço de papel. Mario será o juiz. Solte-os todos, ao mesmo tempo, e vamos vêr qual é o que chega primeiro ao chão.

A. — A pedra.

P. — E depois?

A. — O lapis. O papel perdeu a corrida. Foi o ultimo.

P. — Ponha agora, Paulo, o papel, bem extendido, emcima da pedra, e veja o que acontece.

A. — Chegaram juntos.

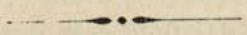
P. — No primeiro caso a pedra cahiu em primeiro lugar, porque era mais pesada, tinha mais peso que o lapis e o papel. Na segunda vez, quando a pedra venceu com o seu peso a resistencia que lhe offerecia o ar, ella abriu caminho para o papel; este não encontrando resistencia, cahiu junto.

Si num lugar não houver ar, os corpos cairão no mesmo espaço de tempo.

A. — E porque a rolha não ficou dentro da agua?

P. — A rolha, subiu porque a agua, em egual volume, é mais pesada do que ella.

Bem. Noutra aula continuaremos nossa lição sobre *peso*. Por hoje, basta que fiquem sabendo apenas o que eu acabei de ensinar.



CONHECIMENTOS DIVERSOS

Professor. — Algum de vocês conhece a historia de “Robinson Crusóé?”

Alumno. — Eu conheço.

A. — Eu tambem conheço-a.

P. — Quasi todos vocês a conhecem, não é assim? Pois, então, os que a souberem vão contal-a. Falem, cada um por sua vez.

A. — “Robinson Crusóé” foi um marinheiro que naufragou, conseguindo salvar-se numa ilha.

A. — Elle gostava muito de caçar.

A. — Fez até uma roupa com as pelles dos animaes que caçou.

A. — Construiu uma especie de jangada.

A. — Sim, e nós todos sabemos que por muito, muito tempo, morou sózinho e teve que fazer tudo de que se utilizava.

P. — Acham vocês que si nós tivéssemos sido salvos numa ilha, poderíamos nos accommodar tão bem ás circumstancias, como “Robinson” o fez?

A. — Eu poderia.

P. — Pois bem: então, vamos suppôr que esta sala seja uma terra desconhecida, completamente inhabitada, e que nós sejamos uma caravana de viajantes que acabamos de descobril-a. Que faremos?

A. — Tomaremos posse, como fez “Robinson.”

P. — Querem?

A. — Queremos.

P. — Mas, a terra que nós descobrimos é um continente: vejam os seus amplos valles e altas montanhas. (No taboleiro de areia fórma valles e montanhas.) Vejam o que acontece, quando eu deixo cair agua aqui deste jarro neste monte de areia.

A. — A areia foi levada pela agua, formando-se um valle fundo e estreito.

P. — Na terra isto foi feito pela forte correnteza dos rios, muito antes de nós existirmos. Os lados ingremes, que ficaram aqui, são os despenhadeiros, os penhascos, os rochedos; e o valle fica como uma caverna no meio. Somos viajantes e chegá-

mos a este lugar. Onde acham vocês que escolheremos para estabelecer a nossa moradia?

A. — Onde pudermos achar o que comer.

P. — Todos concordam?

A. — Concordamos, sim.

P. — Onde acham que seria melhor? Em cima dos rochedos ou na caverna?

A. — Eu acho melhor em cima, onde não ha tantas pedras e poderemos plantar, pois as plantas não crescem bem onde ha muita pedra.

A. — Eu acho melhor ficar perto da agua.

P. — Como fizemos longa viagem, a primeira coisa de que precisamos mesmo é de agua para beber.

A. — Teremos que descer para buscal-a.

A. — Talvez possamos pescar alguma coisa, pois temos fome, assim como sêde.

P. — Já voltámos com o peixe e a agua. Que vamos fazer agora?

A. — Fogo para cozinhar o peixe.

P. — Com o que faremos o fogo?

A. — Com paus. Com facilidade acharemos bastante lenha.

P. — Mas, como accenderemos o fogo?

A. — Riscando uma pedra na outra.

P. — Agora, sentados ao redór do fogo, discutiremos onde vamos dormir.

A. — “Robinson Crusoé” a principio dormia em uma arvore; nós tambem poderíamos assim fazer.

A. — Na arvore não quero, faz muito frio.

A. — E a gente é capaz de cair!

P. — O melhor é dormirmos perto do fogo.

A. — Mas, si todos dormirmos, o fogo se apaga.

A. — E si chover, ficaremos todos molhados.

A. — Ah! eu já sei! Vamos lá embaixo. Quando fui buscar agua, vi uma caverna onde a gente ficava bem agazalhada do vento e da chuva. E’ uma casa prompta para sêr habitada.

P. — Já dormimos na nossa casa nova. Agora, é preciso providenciar sobre o que comer.

A. — Não temos padeiro nem açougueiro.

A. — E nem armazem para nos fornecer.

A. — Iremos caçar.

A. — E depois, plantar para que tenhamos mais tarde o que comer.

A. — Aqui pelas mattas deve haver frutas e raízes boas para comer.

P. — Mas, no que as levaremos para casa?

A. — Si tivéssemos cestas em que carregal-as!

P. — Ha grande variedade de capins. Com elles faremos cestas. Não só servirão para carregar frutas e raízes, como poderão, si forem bem tecidinhas, transportar agua.

A. — Um jarro seria melhor!

P. — Podemos fazel-o. Temos barro bastante. (Distribue barro á classe.) E agora, enquanto vocês fazem os jarros, quero contar-lhes a historia dum povo que viveu ha muitos seculos, do mesmo modo que nós imaginámos, á beira dos rochedos, em cavernas. Ahi viviam escondidos dos inimigos, pois não gostavam de guerrear; viviam plantando e colhendo. Das fibras de certa especie de capim teciam seu panno, fabricavam suas cestas de barro, faziam tijelas e jarros, e vasilhas para azeite, pois á noite precisavam de luz.

A VACCA

Professor. — Vamos continuar o nosso estudo sobre os animais uteis. Qual de vocês quer escolher o animal sobre o qual palestraremos hoje? Escolha você, Augusto.

Alumno. — Eu escolho a vacca.

P. — Então, hoje conversaremos sobre a vacca. Mas, será ella um animal util?

A. — Sim, muito util.

P. — Vejamos você, Arlindo, porque me diz que a vacca é um animal util?

A. — A vacca é util, porque nos dá o leite.

P. — Muito bem; e que utilidade tem o leite?

A. — Serve para se beber, para o fabrico de doces...

P. — E' o leite um alimento de primeira ordem para as crianças, os doentes e pessoas edosas.

E do leite não se faz alguma outra coisa?

A. — Sim, faz-se a manteiga e o queijo, que tanto apreciamos.

P. — E á medicina não é util a vacca?

A. — (?)

P. — Não sabem? Pois é a pobre vacca que primeiramente soffre, para que nos possa fornecer a vaccina contra a variola ou bexigas.

E ainda assim o homem mata-a. Para que?

A. — Para comer-lhe a carne.

P. — E o seu couro, não é utilizado?

A. — Sim; delle fazemos arreios, malas etc.

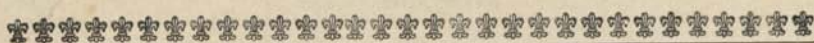
P. — E de que são feitos os botões da sua roupa, Antonio?

A. — Estes botões são de osso.

A. — Algumas facas têm cabos de osso.

P. — Sim; ha uma variedade de objectos feitos de osso. Mesmo os ossos que não pôdem sêr aproveitados para objectos, são utilizados. Elles são moidos e empregados como adubo. Os chifres são empregados na fabricação de botões, pentes, colla etc.

Bem; é o sufficiente, por hoje. Noutra lição continuaremos a falar sobre a vacca.



QUESTÕES GERAES

CRIANÇAS DE HOJE

A precocidade absorveu o seculo. Ansia de correr para frente, de chegar sempre depressa, de exgotar com a maior febre possivel as capacidades de sensações, desfiar duma só vez o novelo da vida, como na lenda oriental do principe voluptuoso. As crianças já crescem velhas. A idade é uma “blague” que os pequenos burlam facilmente, collocando calças compridas nos sentimentos, antes que a infancia lhes permita essa imitação mascula. Na época em que se escondiam dos estranhos, os meninos de hoje intervêm nas conversas e dão opiniões com senso commum. Todos são homens. Parecer grande é o desejo perturbador. Vive-se projectando os annos no futuro. As crianças querem ter a illusão de todas as edades — simulam tristezas de velhos desvanecidos e procuram o “aplomb” de moços apaixonados. No garoto que tira algumas baforadas do cigarro e cuspihla para o lado, cheio de si, ha menos a consciencia do vicio que tão nocivamente adquire, que o contentamento de parecer homem. Precocidade estupefaciente!

*
**

Outr’ora — quanta philosophia nesse outr’ora, vivemos a encontrar constantemente nos dias actuaes — as crianças acreditavam em bonecos, em “cucas” e no Papá Noel. Uma mostra repleta de brinquedos era um palacio das mil e uma noites para a fantasia das innocentes criaturas. Quantas horas mal dormidas, quantos sonhos por um cavallo de pau que a mãe se negara a comprar! Si os brinquedos construiam castellos sumptuosos na imaginação infantil, as “cucas” e as assombrações familiares, tão communs nos tempos de antanho, eram horri-

veis obsessões que causavam pesadelos, tremores bruscos e cobertas sobre a cabeça nas noites quietas. Pobres crianças, tão supersticiosas e ingenuas! Como nós todos fomos assim um dia, num tempo de que a saudade nos traz vagamente suaves litanias! E o Papá Noel, genio protector da petizada? Como enchia de promessas e de esperanças os devaneios dos pequenos! Crianças, acreditaveis em bonecos!

Um polichinello se revelava para a vossa admiração um verdadeiro fetiche. Perdesteis porém a innocencia. Repudiasteis os antigos idolos que rolaram por terra. Desafiasteis a “cuca,” que deante de tamanho desprendimento desapareceu, levando o seu sequito de genios maus. O Papá Noel veiu a desencantar-se e em seu logar surgiu o rostó risonho do papae, do bom papae, disposto a dar-vos dinheiro para comprar cigarros e a mandar-vos ao cinema apreciar o Tom Mix...



Sensível factor de precocidade — o cinematographo. Arma maravilhosa, suggestionador estupendo, instrumento de grande exito para educação. Exerce porém effeito contrario; não educa — prejudica, corrompe, semeia perigos nas mentes infantis. Com seu copioso arsenal de mysterios e tentações, o cinema se incumbe de ir descerrando na criança uma picante curiosidade pelas aventuras e pelo amor.

Dahi os consequentes productos: o menino enthusiastado de chapéo á “cow-boy,” planejando um assalto, ou o Romeu de lencinho no bolso, olhando para a namorada...



A época nivelou a todos. Já não ha mais crianças. Acontece que os mesmos divertimentos dos grandes são adoptados pelos menores. Os avós vão com os netinhos ao cinema e discutem juntos o enredo da fita, ou o trabalho da “estrella” tal. Os paes correm com os filhos ao futeból e ambos se desconjuntam na torcida. A illusão da maioridade é completa. Os

mais velhos acabam até por fitar, tomados dum certo respeito, aquelles entesinhos que parecem predestinados a usufruir todas as prerogativas do seculo.



A precocidade será um bem ou um mal? Póde sêr uma coisa e outra, dependendo do terreno para que fôr enveredada. A pedagogia logrará quasi solucionar esse problema. Como? Aproveitando a precocidade infantil, resultante infallivel dos dias que passam, afim de incial-a no bem e nas virtudes. O cinema educativo impunha-se nesse caso como um dos principaes recursos. E' preciso evitar a todo transe que a hypertrophia da sensibilidade e compreensão no espirtio dos pequenos, arraste-o ás tentações maleficas: os maus costumes e os vicios. Tal appello fica lançado nesta hora a quantos desempenham a missão de educar. Todos os professores tornem-se guias espirituaes das crianças; analysem carinhosamente a alma dos discipulos e vejam onde a fantasia medrou em excesso. Aproveitem essa demasia no incremento das idéas salutaes, das curiosidades beneficas, dos enthusiasmos nobres.

BRITO BROCA.

TRABALHO MANUAL

II

JUSTIFICAÇÕES

A criança gosta de brincar. Constróe casinhas, empina pagaios, faz gaiolas e mil outras coisas que inventa, descobre e imita. Nessas *reinações* diarias, como lhe diz a mãe, a criança, instinctivamente, desenvolve o corpo, com os exercicios de locomoção, educa os sentidos com o trabalho que realiza, e desenvolve a intelligencia com a observação dos factos que dizem respeito aos proprios brinquedos.

Observando-se um grupo de crianças que estão atarefadas com a construcção dum brinquedo qualquer, a que se entregam espontaneamente, póde-se verificar a satisfação com que realizam o trabalho que lhes vae dar alegria. E, concluida a tarefa, sentem-se felizes.

Corresponde, pois, o trabalho manual á necessidade que sente a criança de mover-se, de entreter-se com alguma coisa, de sêr activa.

Confirmando essa opinião, temos o facto, aliás commum, de sêr punido certo alumno, por falta de attenção durante a aula, quando, em verdade, elle estava trabalhando com as mãos, debaixo da carteira, traçando figurinhas ou fazendo bonecos. A lição do mestre, não o interessando, lança mão doutro assumpto para satisfazer ao seu instincto irrequieto.

E' a actividade que se manifesta e, uma vez reprimida, o mestre fará duma criança activa um alumno indolente ou indisciplinado. E' preciso alimental-a, intelligentemente, através do trabalho manual, encaminhando-a para coisas praticas de utilidade immediata.

*
**

Contam que um velho professor, para tornar mais pratico o ensino de geometria, deu de fazer sólidos de cartolina.

Durante a lição, mostrava os sólidos aos alumnos e lhes ordenava passal-os de mão em mão, de modo que fossem examinados directamente. Assim, a aprendizagem muito melhorou; os alumnos já não encontravam muitas difficuldades no estudo da materia.

Mas, o que ha de interessante no caso contado, é que, certo dia, o velho professor descobre uma batelada de sólidos que, ás escondidas, foram feitos pelos seus alumnos. A classe tornou-se quasi uma fabrica de sólidos!

Ahi está mais um facto a favor do trabalho manual na escola. A propria criança, reagindo contra o ensino verbalistico, procura occupar-se com alguma coisa que lhe proporcione contentamento.

Tudo depende da especie de trabalho e não do trabalho propriamente dito. E' a criança que deve escolher o que lhe agrada, sem imposição do mestre, para que se possa manter viva a actividade infantil.

*
**

A criança é duma actividade natural; o trabalho que ella exerce, espontaneamente, é manifestação do seu proprio instincto. E' deste facto que deriva a curiosidade irresistivel de observar as coisas tocando-as com as mãozinhas.

Os sentidos se desenvolvem, aperfeiçãoando-se, com o trabalho constantemente realizado. A vista e o tacto, por meio dos quaes a criança alimenta a sua curiosidade, são os que mais de prompto colhem resultados satisfactorios do exercicio manual.

A' medida que os sentidos se aperfeioam, a actividade infantil se desenvolve cada vez mais, chegando a criança a imprimir em tudo quanto faz os caracteres da sua personalidade.

"Allorquando poi il fanciullo, escreve Bellomia-Barone, è al caso di adoperare i suoi organi, appena le sue forze psichiche raggiungano un certo grado di sviluppo, tutta la sua attività si svolge con islancio, e direi quasi, con ansia, agli oggetti del mondo esteriore, per cercare di trasformarli e di imprimervi il suggello della propria personalità e del proprio lavoro. I sol-datini di carta, i piccoli utensili di argilla, le casucce di arena, le scatolette di cartone, le trombette e gli schioppi di canna, gli aratri e gli carrozzelle di legno, sono il risultato di questa primiera trasformazione delle sue energia psichiche, sono il frutto di questo suo lavoro iniziale e nel contempo sono gli oggetti che più lo attirano e lo interessano."

"Guardate quanta forza di pazienza, quanta pertinacia di fatica, quanta serietà di attenzione egli non mette in questo sue rudimentali creazione! Si direbbe quasi che tutto il suo mondo si circoscriva ad esse, e che tutto quanto ne sia fuori non abbia per lui importanza di sorta ..."

"E questa tendenza all'attività e al lavorare, che pe il credente è il ricordo d'una colpa e la perpetuazione d'una condanna,

pe il sociologo è un istinto providenziale che dà la spinta più valida al progresso della civiltà, e pel biologo è l'espressione più caratteristica della eredità fisiologica nella razza; perocchè fra tutti gl'istinti che si trasmettono, il più costante e il più universale è senza dubbio quello di cui si occupiamo."

E' indiscutivel.

Estudando-se o aproveitamento das lições na escola primaria, verifica-se que a criança adquire com mais facilidade os conhecimentos ministrados através do trabalho manual. E, por este motivo, somos de parecer que o trabalho manual é antes um methodo de ensino do que uma disciplina escolar.

"Nihil est in intellectus, dizia Comenius, quod pria non fuerit in sensu." E a criança confirma-o.



Dizem que o filho dum sapateiro habil, depois de ter cursado certa escola secundaria, punha-se em casa a repetir as funções syntacticas do *se* pronominal, a demonstrar a theoria dos logarithmos e a fazer sonetos para a *pequena*, filha do negociante da esquina. Mas, a correspondencia da familia ficava para *depois* do jantar, as contas da officina viviam em *duvidas* continuas, e nunca *apparecia* collocação.

E o pobre pae que, a custo de *lamber sólas*, deu instrução ao filho, via desfazerem-se as illusões duma velhice amparada. O filho não tinha conhecimento algum para a vida pratica; sentia-se desanimado para iniciar a luta pela subsistencia.

São essas as lamentaveis consequencias da escola em que, predominando a palavra do mestre, os alumnos passam durante quatro horas, de braços cruzados, sem perceber o que se explicou em classe.

Hoje, os papeis estão mudados; novas luzes se projectam na escola. O alumno é o elemento activo — a vida; o mestre é o guia — a alma. Este dirige; aquelle pratica.

E nós que não queremos ficar atraz dos outros, costumamos dizer ás collegas, quando, ao entrar na classe, perce-

bemos o esvoaçar das moscas: — “Queremos ouvir o barulho do trabalho.”

Compenetrada, pois, da sua alta função social, a escola moderna procura manter bem viva a actividade da criança, encaminhando-a para os conhecimentos praticos de fins utilitarios.

D. VIZIOLI.

ANDERSEN, O HOMERO INFANTIL

Rignor Bendix, que viveu pelo mesmo tempo de Hans Andersen, soube, na linda chronica que abaixo reproduzimos, surprehender um pouco da alma do grande contista dinamarquez, amado e querido das crianças de todas as terras, revelando-a com um senso admiravel nos conceitos e uma sympathia carinhosa nas expressões. Rignor é dos escritores que, como os grandes espiritos, possuem essa qualidade distincta — saber admirar sinceramente.

Muitas vezes se tem debatido si, acaso, Hans Andersen, o mais celebre dos autores de contos maravilhosos, tinha realmente um grande amor pelas crianças. Pois, a esse respeito, eu posso falar com perfeito conhecimento de causa, visto como desde os primordios da infancia, tive occasião de vê-lo constantemente, ora na casa de meu bisavô, Jonas Collin, ora na dos filhos deste, ora ainda na minha propria casa.

Andersen nunca perdia occasião de nos divertir. Contava-nos as suas lindas historias de fadas, levava-nos ao theatro, e até, durante um largo espaço de tempo, chegou a dar, todos os dias, um presente a um dos seus pequenos favoritos.

A' mais leve provocação, elle se revelava o delicioso contista. Uma vez, o armazem de vinhos que ficava defronte, appareceu decorado com taboletas novas dos lados da porta, vendo-

se nellas grandes cachos de uvas e uns rechonchudos anjinhos. Quando Andersen deu pela novidade, sentou-se ao pé da janella com uma criança sobre a perna e, logo ali, começou a contar uma historia a proposito das mirabolantes pinturas do vizinho.

Nós, os meninos, nos divertimos bastante em ouvir-lhe contar anedotas para edificação das pessoas grandes.

Uma noite, depois do chá, estávamos todos sentados em volta da ampla mesa, e Andersen, que se mostrava muito bem disposto, se pôz a narrar-nos episodios do seu passado, das suas viagens, das relações que tivera com gente de outras terras. A's vezes, a sua maneira de contar historias se tornava positivamente dramatica, e era sempre amenizada com uma ironia amavel a respeito de si mesmo. Quando, por exemplo, nos falava do seu encontro com celebridades estrangeiras, com as quaes muitas vezes estivera em contacto, elle nos confessava que não tivera nessas entrevistas um prazer muito cordial, porquanto nunca fôra um grande conhecedor de linguas estranhas á sua.

Entre outras coisas, elle nos contou o seu encontro com Charles Dickens, em Londres. Dickens, que manifestára o empenho de travar relações com Andersen, lhe offertára um exemplar de sua obra "Nicholas Nickleby", onde havia escrito amavel dedicatoria. E houve, então, entre os dois grandes escritores despretenciosa cavaqueira, em meio da qual Dickens se vira impellido a dizer para Andersen: Acho melhor que o meu illustre collega fale em dinamarquez. Estou convencido de que o hei de entender melhor."

Um dos meios predilectos com que Andersen procurava insinuar-se no animo dos seus amiguinhos infantis, era fazer para elles albuns de estampas, recortadas de quanto lhe vinha á mão: annuncios, jornaes illustrados, capas de livros, estampas baratas.

O que, porém, mais nos interessava eram as figuras que elle proprio fazia e recortava e que muitas vezes collava nas folhas dos livros. Tinha um talento especial para essas figuras.

Nunca as desenhava, mas emquanto estava sentado, a conversar comnosco, ia dobrando o papel e, sem modelo algum

por onde se guiasse, ia-o recortando muito satisfeito — e prompto! apparecia a idéa, cheia de verdade e de vida. As suas figuras favoritas consistiam em cysnes, bailarinas, cupidos, mas nenhuma eram parecidas com as outras. Nessas figuras havia muito de espirito maravilhoso, que as tornava attraentes e as imprimia na memoria. Tambem mostrava noutras obras a sua habilidade de compôr. Um dos seus maiores talentos era o de fazer ramalhetes: uma florinha simples, uma espiga de trigo, uma folha de colorido brilhante, atados a uma mancheia de erva. Era tanto maior a sua originalidade, quanto a esse tempo não era geralmente conhecido o Japão. A' roda desses ramalhetes dispunha papel branco e dourado, recortado nos extremos em fórmula de bailarinas e de cupidos.

Entre as coisas mais divertidas que elle fez, avulta uma collecção de figurinhas que nos mandou uma vez para pôrmos na arvore de natal, ahi por volta de 1850 e tantos. Eram feitas de papel de varias côres, recortado e collado formando vestidos com guarnições diversas, armaduras ou fardas.

Andersen nunca se esquecia dos filhos dos seus amigos. Ainda depois de velho, lembrou-se delles com interesse e ternura. Quando estava ás portas da morte, mandou recado a um dos seus amigos pedindo-lhe que lhe trouxesse uma criancinha recém-nascida, filha desse amigo. Mas morreu sem dar o tempo a que o pedido fôsse satisfeito.

Acharam-se-lhe na mesa de trabalho uns versos ao pequenino Svend, os quaes mostravam quanto o preocupara essa criancinha que elle nunca tinha visto. “Nunca mais jubiloso nos correu o tempo” — começa elle, e em seguida espraia-se sobre os estranhos caprichos do inverno que corria.

Aquelles a quem se destinavam esses versos, e que se recordam da sua bondade e da sua ternura, duplamente veneram a perduravel memoria do grande escritor dinamarquez — “o vovô risonho e amavel das crianças de todo o mundo.”

CODIGO MORAL ESCOLAR

A revista norte-americana "Collier's National Weekly," após concurso plebiscitario em que recolheu as opiniões de milhares de leitores interessados e competentes no assumpto, acaba de publicar um codigo escolar que representa a synthese da ethica que deve sêr ensinada nas escolas publicas do paiz.

O celebre juiz da Corte Suprema, William Howard Taft, ex-presidente da republica e homem de alto prestigio nos meios universitarios, conferiu a esse codigo a mais fervorosa aceitação, observando apenas que o assumpto do trabalho estrenuo devia estar compreendido e emphatizado. Tambem Mr. Milton Ben-nian, presidente do "Departamento de Educação do Character," da "Associação Nacional de Instrução," approvou dito codigo calorosamente, do ponto de vista didactico.

O trabalho em causa está encimado pelo lemma: *Nós confiamos em Deus*, e prosegue sem mais preambulos:

"Afim de tornar-me cidadão util e feliz, eu devo ter:

CORAGEM E ESPERANÇA. — Devo sêr um bravo, mas da bravura no sentido de dominar meus pensamentos, minhas palavras e minhas acções. Devo cultivar a esperança por sêr ella uma condição imprescindivel para o melhoramento.

OPEROSIDADE E BONS HABITOS. — Devo fortalecer o meu character. O meu character é a minha propria personalidade, quando não na opinião de outros, aos olhos da minha propria consciencia. Os bons pensamentos sempre afugentam os maus, e emquanto eu estiver occupado na pratica do bem, não terei tempo para a pratica do mal. E poderei conseguir um bom character exercitando-me na pratica de bons habitos.

CONHECIMENTO E UTILIDADE. — Devo fortalecer o meu espirito. Quanto mais conhecer a mim mesmo, aos meus semelhantes e ao mundo ambiente, tanto mais util e feliz eu poderei tornar-me. Devo sempre saudar como alegria quaesquer conhecimentos uteis, venham elles da escola, do lar, ou de qualquer outra parte.

VERDADE E SINCERIDADE. — Devo sêr verdadeiro e sincero. Tenho o direito e o dever de conhecer a verdade, afim de poder agir correctamente. Devo dizer a verdade sem temor. Devo sêr sincero em todos os meus actos, em todos os meus pensamentos. A menos que eu seja sincero, não poderei respeitar a mim proprio.

SAÚDE E PUREZA. — Devo promover o fortalecimento do meu corpo. Meus olhos, dentes, coração, o corpo todo, deve sêr sadio, de maneira que as minhas faculdades mentaes tambem se exerçam o mais perfeitamente possivel. Devo conservar-me physica e moralmente puro.

SERVIÇO E ALTRUISMO. — Devo empregar todo o esforço no sentido de auxiliar os necessitados. Sendo forte, poderei não sómente ajudar a outrem, como tambem sêr bondoso e perdoador para com os que me offendem; poderei proteger os fracos, os que soffrem, as crianças, os velhos e os animaes mudos que se não pôdem queixar.

CARIDADE. — Eu devo amar. Devo amar a Deus, que creou tanto o mundo como os homens de todas as raças, nações e crenças, meus irmãos. Devo amar a meus paes, a meu lar, a meu proximo, a minha patria, e sêr leal para com todos.

HUMILDADE E REVERENCIA. — Devo reconhecer que sempre ha mais que aprender. Aquillo que eu porventura sei, nada é comparativamente com o que ainda poderei vir a saber. Devo respeitar a todos quantos têm mais saber do que eu, e reverenciar tudo quanto é nobre.

FÉ E RESPONSABILIDADE. — Tudo isto eu devo praticar porque sou responsavel perante Deus e perante a humanidade no que respeita ao modo por que vivo, pelo quanto devo de auxilio ao meu proximo e pela proporção que este póde confiar em mim e depender da minha individualidade."

MANUEL DE ARRUDA CAMARGO.

EDUCAÇÃO CIVICA

CONSTITUIÇÃO — DIREITOS E DEVERES DO CIDADÃO BRASILEIRO

Infelizmente entre o povo brasileiro não estão vulgarizadas, como seria para desejar, noções claras sobre a *Constituição*, principalmente no que concerne aos *direitos e deveres do cidadão*.

Ora, isso é um mal que precisa sêr evitado, principalmente pelo geral preconceito que elle estabelece nas classes populares — qual o de que os *direitos* só têm os ricos, e os *deveres* attingem sómente aos pobres.

Mas, como extirpar esse prejuizo que tão damnoso nos póde sêr?

Educando civicamente o povo. A educação civica deve porém partir da escola; ella é o centro, o fóco donde deve irradiar o saber civico, que salva um povo, engrandece uma nação. Eduquemos as crianças, os cidadãos do futuro; eduquem ellas os desventurados que não tiveram escolas, e o problema estará resolvido.

*
**

O professor, para fazer as crianças compreender o que seja *Constituição*, o que se deve entender por *direitos e deveres do cidadão*, basta tomar para base de sua aula, uma sociedade qualquer, sendo preferivel a mais popular, mais vulgar, mais conhecida pelos alumnos. Sirva de exemplo, a um professor da Capital, a conhecidissima associação esportiva — “Palestra Club.”

Ensine o educador aos meninos que toda e qualquer sociedade tem um livro que se chama *estatutos, regulamento* etc.; que os individuos que constituem a associação, chamam-se *socios*. Nos *estatutos do club* ha muitas *regras* escritas, as quaes os *socios* são obrigados a cumprir — são os seus *deveres*. Ha tambem outras *regras* que aos *socios* dão certas *regalias* — são os seus *direitos*.

O professor precisa fazer a criança compreender que ha tambem nas sociedades, pessoas que dão *ordens*, e precisam e devem sêr obedecidas pelos socios, e que nada pôdem fazer de encontro ás boas *regras* ditadas pelos *estatutos*.

Mostre o educador aos alumnos, que uma sociedade, para não sêr ephemera, para sêr bem organizada, para attingir o seu fim, precisa têr seus estatutos, uma directoria e socios que saibam usar dos seus direitos e cumprir os seus deveres.

*
**

Uma vez que a criança tenha uma idéa bastante nitida a respeito duma *sociedade*, *directção*, *socios*, *estatutos*, *regras*, *direitos* e *deveres* de cada um dos individuos que a formam, nada mais resta ao professor, nada mais facil, nada mais tem a fazer, sinão ampliar o scenario e mudar o nome dos comparsas. E realmente assim é. O Brasil, como toda a nação, não passa duma grande *sociedade*. O povo que nelle habita — os *socios*. A *Constituição* é o *regulamento*, onde estão escritas as *regras* as quaes os nossos *administradores* (*directores da sociedade*) têm que seguir fielmente e as quaes todos os *cidadãos* (*os socios*) têm que cumprir cêgamente. As *regalias* que o *povo* tem são os seus direitos e as *obrigações* — os seus *deveres*.

*
**

Só os ignorantes ousam affirmar que não temos *governo*, *leis*, *direitos* e *deveres*.

Eduque-se o povo e esse pessimismo exagerado e prejudicial desaparecerá.

Assim conseguiremos um Brasil sempre unido, um povo que saiba usar dos seus direitos e cumprir os seus deveres.



CAIXAS ESCOLARES

A instituição das Caixas escolares é um facto de alta significação social, mórmente considerando-se a evolução que têm tido os povos nestes ultimos tempos, cujas idéas altruisticas se vêm accentuando dum modo notavel, pois o espirito de solidariedade humana vae ganhando terreno para dias melhores.

Em nossa patria, paiz novo e que vem lançando os seus fundamentos em bases largas, sem preconceitos de raças ou crenças, mais rapidamente vencem as idéas liberaes, os progressos emfim a que tem direito o genero humano depois de haver passado, nas sociedades antigas, pelo caminho das reformas alcançadas com o sangue de seus heróes.

Haja vista em nosso paiz, como se deu a sua independencia politica sem grandes attritos. A abolição do regimen servil se fez entre flôres e risos, e a proclamação da Republica sem derramamento de sangue!

Isso quer dizer que o povo brasileiro se acha num gráo de evolução muito avançado para a conquista dos grandes ideaes, do estabelecimento duma organização social melhor e de mais accentuado cunho de civilização.

Ora, entre as muitas iniciativas que, dia a dia, vão surtindo em nosso meio, iniciativas generosas e de alto alcance social, está por certo, a criação das Caixas escolares que se vão disseminando por todos os pontos do nosso Estado, afim de auxiliar a infancia para que possa receber a necessaria instrucção.

E', pois, esta instituição digna do apoio de todos quanto se interessam pelas grandes causas.

ANTONIO PRIMO FERREIRA.

ORGANIZAÇÃO DE "PARTIDOS" NO ENSINO DE CALCULOS MENTAES

E' por demais sabido o valor dos calculos mentaes e rapidos, para o desenvolvimento do raciocinio infantil e especialmente para o completo ensino de arithmetica no curso primario. Mas, é tambem notoria certa quebra de disciplina nessas aulas, quando a classe, movida pelo estimulo natural e despertada pelo interesse commum de resolver as questões em curto prazo, exige do professor grande somma de energia para manter a ordem entre seus discipulos.

Com a organização de "partidos" no ensino de calculos rapidos e mentaes, obtêm-se, além dos fins pedagogicos naturalmente em vista, os seguintes resultados:

- a) estimulo constante e uniforme da classe;
- b) optima disciplina;
- c) completo aproveitamento;
- d) pratica do ensino civico;
- e) pratica de historia patria.

A organização propriamente dita dos "partidos," que devem sêr sempre dois, convem sêr feita em collaboração com a classe, tendo o professor sómente o cuidado da orientação geral, deixando os detalhes a cargo da iniciativa dos proprios alumnos, trabalho esse que, effectuado com intelligencia, redundará num excellente exercicio de imaginação, raciocinio e linguagem.

Essa formação de "partidos" poderá constituir, além disso, objecto para varias lições, sendo umas de instrucção civica e outras de historia patria. Nas primeiras, terá o professor o cuidado de fazer a classe pronunciar-se, por voto livre e consciente, quanto aos directores ou chefes dos "partidos," aproveitando a optima oportunidade que se lhe offerece afim de pôr em pratica o conhecimento daquillo que ha de mais sagrado na vida do cidadão: o direito civico-social da escolha dos dirigentes da collectividade.

Aproveitará o professor tão propicia occasião para, em aulas subsequentes, tratar das idéas de sociedade, união e ordem, deixando que cada alumno se pronuncie sobre o regulamento e estatutos dos “partidos de calculos,” fazendo notar aos discipulos collaboradores noções essenciaes nesse assumpto, taes como: deveres, direitos, recompensas e penalidades.

Estudado em conjunto cada projecto, elaborado e apresentado durante as aulas de linguagem escrita, fará a classe com o auxilio do professor a selecção necessaria e consequente regulamentação.

Nessa primeira parte tem o professor material bastante para, com proveito, desenvolver e ministrar o ensino da linguagem, tanto oral como escrita, entre seus educandos.

Uma vez constituida a sociedade e a formação dos “partidos,” cumpre ao professor pedir á classe nomes de brasileiros illustres da nossa historia, afim de dotar cada partido duma boa denominação e ter com ella um patrono de exemplos dignificantes.

Vem ahi a pratica de historia patria e o zelo pelas nossas tradições civico-historicas.

A classe, por sua propria iniciativa, escolherá as denominações dos “partidos,” e o professor fará então com que cada “partido” obtenha um retrato do seu patrono, conhecendo a sua vida e a sua obra em todos os detalhes.

Uma vez formados os “partidos,” iniciar-se-ão na classe os exercicios de calculos rapidos e mentaes, registrando-se diariamente o numero de questões resolvidas por um e por outro “partido,” tendo-se o especial cuidado em deixar para a ultima aula de instrucção civica de cada mez, a apuração geral dos torneos.

OLAVO DE CARVALHO.





LITERATURA INFANTIL

LENHADOR, POUPA A ARVORE...

Vinha por uma estrada um lenhador de ar feliz. Ao hombro, o machado e numa das mãos, um pequeno ramo verde da ultima arvore cahida.

Entardecer... Andava o sol em despedida pelos montes e uma paz religiosa, e uma suave alegria descendo do céu pousava sobre a terra num enleio commovido e brando.

A' curva do caminho, junto duma fonte, um velho caminhheiro se esquecera na contemplação da paizagem. Parecia que o pobre homem, achava ali o pouso da sua longa jornada e que a sua alma livre como o seu destino de romeiro, debruçada nos seus olhos, ia commungando a belleza evocativa da tarde, saudosa de outros céos, de outras arvores, de outros crepusculos distantes...

O lenhador, ao vêr aquelle homem, sentiu-se attrahido para elle. Parou e fitou-o com curiosidade:

— Salve, viajero, que a paz do Senhor esteja comsigo!

— Obrigado, irmão! Fiz desta sombra o meu pouso, para, amanhã, retomar a jornada. Veja que bella arvore hospitaleira e como a paizagem é linda vista daqui! Vivo tudo isto: arvores, fontes, aves, flôres, tudo está em mim! Até o céu que nos cobre parece perder-se nos meus olhos... Donde vem, amigo, com esse machado?

— Da floresta, viajero. Deitei abaixo dez troncos gigantes. Amanhã continuarei a derrubada.

— Ah! tristê mistér, amigo, derrubar as arvores... pobres arvores! as purificadoras do ar que respiramos, a vida e a graça das paizagens...

— Palavra, amigo, é a primeira vez que me falam desta maneira. Pensando bem, nós, os lenhadores somos uns per-

versos, mas o que fazer, si é dellas que nos provém o pão que repartimos com os filhos, no lar?!

— Ainda bem . . . ainda bem . . . muitos ha que cortam as arvores inutilmente, maltratam as plantas tenras, despem os arbustos dos seus ramos.

Que tristeza vêr uma arvore derrubada á tôa! Nem sabem os malvados o beneficio que ella nos presta; nem sabem elles que della se faz o berço e o esquife, a casa e o templo, a cruz da fé, a charrúa, o veleiro, o cabo da enxada! Ella é o abrigo, o pouso, o conforto, sombra e consolo dos peregrinos. Della ergueu-se o primeiro tecto, plantou-se o primeiro marco! Riqueza e maravilha! . . .

Nesta altura o velho caminheiro fez uma pausa e depois exclamou, num brado:

— Maldito todo aquelle que cortar uma arvore inutilmente . . . mil vezes maldito! . . .

— Tem razão; bem faço eu que apenas cóрто as arvores de lei, as arvores que entram no mobiliario, nas construcções e, o quanto posso, vou replantando nas clareiras. Mas, sabe, o peór de tudo são as queimadas. . .

— Ah! isso lá, é! Cansadas as roças para o plantio, os homens devastam as mattas com o fogo. Nem cuidam siquer de adubar e revolver a terra com a enxada e o arado. Por preguiça, abandonam o velho eito e lançam-se á devastação de novas mattas. E' a preguiça, a ignorancia, meu amigo, a causa de tamanho damno. Um dia virá em que a terra toda se sentirá cansada e se transformará num deserto Depois, inevitaveis consequencias tristes para nós — as seccas. As mattas é que chamam as chuvas, e as arvores são a alma da paizagem, alma e vida da paizagem . . .

— Onde aprendeu, ó vagabundo dos caminhos, essa lingua-gem tão bella e tão sabia? De facto, é triste vêr uma arvore cahida! Eu, um lenhador, é que sei a dôr dum tronco ao tombar! E, no entanto, vejo por toda a parte, o espirito malvado dos que sacrificam as arvores inutilmente . . .

— Já ouviu acaso falar sobre a vingança dos vegetaes? indagou o velho. As arvores têm alma como nós, como tudo que

existe sob o sol, e quando nascem, uma traz a sina tragica: — é a vingadora. Não ha muito tempo, eu ouvi contar a historia dum homem que tinha a mania de fustigar, por onde andava, as arvores. Ia mettendo o facão a torto e a direito, nem os brotos poupava. Um dia em que o malvado atravessava o cêrro depredando os arbustos, fende-se uma velha gameleira brocada e o seu tronco enorme cahiu de cheio sobre o infeliz, esmagando-o. Impressionou-me devéras o facto...

— Que horror! Tenho ouvido contar muita coisa sobre a vingança das arvores... Que Deus me salve dum tal castigo!

Um silencio pairou entre os dois homens.

As sombras vinham descendo... O lenhador, olhando o caminho, num gesto de quem se acorda dum sonho, disse:

— Até quando Deus quizer, amigo! E' tarde e preciso chegar ao rancho antes que a noite venha. Adeus, e muito obrigado pelas boas palavras que semeou em meu espirito... Adeus!...

— Que a paz do senhor o acompanhe...

E lá se foi o lenhador pelo seu caminho, pensando nas palavras do viajero e no destino triste das arvores que são sacrificadas inutilmente...

A FRUTA PRECIOSA

Dois irmãos, Julio e Paulo, voltavam duma chacara, onde tinham ido buscar laranjas, a mandado de seu pae. Cada um delles carregava uma cesta de frutas, muito pesada.

Julio não cessava de se lamentar, ao passo que o irmão se mostrava satisfeito e ria alegremente.

— Oh! Paulo, falou Julio, como podes rir assim, si a tua cesta é tão pesada como a que eu carrego, e si não tens mais força que eu?

— Ora, ora!... ajuntei ás minhas laranjas uma fruta muito boa; é ella que me torna leve a cesta. Faze como eu e te succederá o mesmo.

— Sim, Paulo, mas qual é essa fruta tão preciosa? Quem me dêra obter uma, para tornar também minha carga mais leve! . . . Dize-me, por favor, o seu nome?

— A fruta preciosa, meu caro Julio, e tão sómente a unica que tem o poder de alliviar todos os fardos, chama-se *paciencia*.

TIRADENTES

Salve, salve, Tiradentes,
Vivo padrão de bravura,
A culminante figura
Dos heróis inconfidentes!

Teu vulto audaz, superior,
O' grande martyr sublime!
Com alta eloquencia exprime
Da nossa raça o valor.

Com o enthusiasmo de um forte,
De liberdade em anseio,
Affrontaste, sem receio,
O negro pavor da morte!

E em bem da Patria querida,
Que em seu largo seio encobre
Tudo que é grande e que é nobre,
Déste tudo: — a propria vida!

LAFAYETTE PEREIRA.

O BOM MENINO

Sei dum menino que vem todos os dias á escola, com a sua roupinha assejada e as suas lições bem sabidas.

Na rua, vendo-o passar, a gente grande diz:

— Este menino tão pequeno, parece já um homemzinho!

Porque elle não vem aos pulos e aos gritos, como os outros collegiaes. Vem como uma criança ajuizada, bem direitinho, muito direitinho...

Na escola, é amigo de todos os collegas.

Nunca ninguém se queixou desse menino. E' elle que aconselha os mais turbulentos a não brigarem; é elle que reparte a sua merenda com os pequenos pobres; é elle, emfim, que explica aos mais atrasados as lições que não compreenderam bem...

Sei dum menino modelo, cujo nome não digo, porque elle não gostaria, si eu dissesse...

Qual de vocês conhece esse menino?

Qual de vocês é elle?

CECILIA MEIRELLES.

OS CANARIOS

Linda manhã!

No recreio da escola reunia-se a criançada: as aulas iam começar.

Um casal de canariões cortava os ares á procura dum logar apropriado para construir o ninho.

— “Vamos fazel-o aqui neste recanto,” disse *D. Canaria*.

— “O logar é lindo e a arvore bem copada,” respondeu o *Sr. Canario*. “Mas, já reparou você naquelle bando de crianças, ali do outro lado do muro? As crianças são, ás vezes bem crueis!”

— “Mas, essas não o são. *Compadre Sabiá* morou aqui perto, e contou-me que essas crianças gostam de passaros, tratam-nos bem.”

— “Nesse caso, edificaremos aqui.”

Começaram. O *Sr. Canario* sahiu á procura de material para o novo lar. A companheira ia, aos poucos, tecendo o ninho. De repente, parou para escutar. As crianças cantavam:

“Num tenue galho pousado
Vi um gentil passarinho,
• Que trabalhava enlevado
Na construcção do seu ninho.”

Completaram o ninho.

Dias depois quatro ovinhos azulados eram cuidadosamente cobertos pela pennugem fôfa e macia de *D. Canaria*.

Grande foi a satisfação das crianças quando descobriram que no ninho, tão perto das suas janellas, havia quatro ovinhos. Não lhe tocaram, mas espreitavam todos os dias a avezinha que, pacientemente, se conservava no seu posto. Esta, por sua vez, seguia os menores movimentos das crianças, na aula.

Quando o *Sr. Canario* voltava das suas excursões, *D. Canaria* lhe contava o que as crianças tinham feito durante a sua ausencia.

— “Hoje cantaram uma canção muito bonita, que eu aprendi com prazer. Era assim:

“Sem as aves ninguém viveria.
Contra o insecto, na luta voraz,
São guerreiras de grande energia,
Dando aos homens o reino da paz!”

São modelos de santo carinho,
Nos tocantes mistéres do amor,
Com fadiga fazendo o seu ninho
Onde os bellos ovinhos vão pôr!”

— “E’ por isso que essas crianças não nos perseguem. Aprendem a conhecer nossa utilidade, aprendem a nos proteger e estimar. Como não seria a vida feliz para nós passaros, si todas as crianças frequentassem escolas como essa!”

No dia seguinte, ao voltar, o *Sr. Canario* encontrou a companheira muito contente.

— “Sabe o que aconteceu hoje? Uma das crianças chegou-se á janella e mostrou-me á professora. Esta pegou logo uma folha de papel e encostou-se á janella.

Olhava-me e punha-se a fazer traços no papel com paizinhos de côres differentes. Logo mais, ella ergueu o papel e . . . o que pensa você que havia nelle?”

— “Não posso imaginar!”

— “O meu retrato, sentada aqui no ninho!

Ouvi a professora dizer á classe que na seguinte lição de desenho todos iriam me copiar.

Que bom termos resolvido edificar nosso ninho aqui! Acompanhando o que as crianças fazem, o tempo passa tão depressa!”

Outra vez contou *D. Canaria* ao companheiro que ouvira as crianças dizerem ter desenhado o seu retrato no ninho e que a professora tinha collocado na parede os melhores trabalhos.

— “Vôe á janella, para vêr si você os enxerga.”

O *Sr. Canario* foi e voltou dizendo: — “Estão esplendidos! Que pena que eu não estivesse em casa! Talvez tivessem tambem feito o meu retrato!”

Doze dias se passaram depressa naquella escola.

Olhares curiosos, da janella, haviam descoberto filhotes no ninho.

Uma manhã, quando o *Sr. Canario* estava depositando bichinhos num bico escancarado, disse-lhe a companheira:

— “Escute o que as crianças estão cantando agora. Como seria que ellas souberam que tinhamos filhotes?”

Vozes alegres da criançada enchiam os ares. Cantavam:

“Sabem ellas tambem, commovidas,
Ternamente o filhinho educar,
E offegantes, com vozes sentidas,
Para o vôo primeiro os guiar.

Quem as aves persegue e maltrata,
Quem as aves não ama, é cruel!
Para ellas a luz que arreбата!
Nuvens de oiro... brilhante vergel!"

BENÇAMS

Bemdito o brilho eterno e soberano
da Belleza, e bemdito, ave, o teu ninho!
Bem dita a febre do trabalho humano,
e a arvore, e o fogo, e o pão, e o leite, e o vinho!

Bem dita a sciencia que desvenda o arcano,
e o arado que revolve o agro maninho!
E o que, entre os vis e os maus, anda sózinho,
e os astros que ardem no alto, e o livre oceano!

E a terra com seus valles e seus montes,
e a seducção de nossos horizontes,
e a esperanza da gloria promettida!

E este sol que me aquece, almo e divino,
e o seio maternal, que me deu vida,
e a boa sorte, que me fez latino!

MANSUETO BERNARDI.

AMOR FILIAL

(LENDA DO RHENO)

Longe, muito longe daqui, na Allemanha, corre um rio maravilhoso, chamado Rheno.

Suas aguas são tão claras e crystallinas, que se lhe pôde vêr o leite, onde moram, em palacios maravilhosos, sereias e nymphas.

O Rheno corre por entre montes e collinas, através de valles cobertos de lindas e perfumadas flôres na primavera e de espesso gelo no inverno. Os campos são habitados por fadas e os montes estão cheios de anões. Não são todos que pôdem vêr estes pigmeus que, ás vezes, pregam boas peças áquelles de quem não gostam, e, ás vezes, são tão bons e amaveis para com os que o merecem.

Eis a historia de como um anão ajudou a um pastorzinho, porque era bom para sua mãe.

O menino chamava-se Hans e cuidava do rebanho dum grande proprietario. Morava com sua mãe num humilde casebre, e toda a sua riqueza consistia numa cabra que lhes fornecia o leite.

Dos dias Hans levava o rebanho a pastar nos valles do Rheno. Quando a noite se aproximava, recolhia as ovelhas ao aprisco.

— Vocês pensam que elle brincava? Não brincava. Não tinha tempo. Depois que terminava o trabalho de pastor, cortava lenha, tirava o leite da cabra e cultivava o jardim e a horta. Viviam trabalhando, mas felizes, Hans e sua mãe, apesar da extrema pobreza.

Um dia, pelo inverno, a boa senhora adoeceu.

Veuu cuidar della uma velhinha.

Esta, logo que a viu, sacudiu a cabeça. “Só uma erva escura,” disse ella, “que cresce no cimo daquelle monte,” a poderá salvar. Mas o monte está todo coberto de neve!”

“Vou atraz da tal erva,” falou Hans. Agazalhou-se bem, pegou o seu bastão, beijou a mãe e partiu.

Como fazia frio! O vento, assobiando entre os ramos das

arvores, lhe agoitava o rosto. Como era difficil caminhar! A's vezes, quasi que a neve o cobria. Lutando com as intemperies, repetia: "Hei de chegar lá em cima! Hei de achar a tal erva!"

Chegou afinal ao cume. Procurando a erva, deu com uma linda flôr, crescendo mesmo entre o gelo.

Hans gostava muito de flôres. Ia para apanhal-a, quando se lembrou de sua mãe doente á espera da erva. Pareceu-lhe ouvir uma voz que lhe dizia: "Vá procurar a erva primeiro; não perca tempo."

Continuou a procurar. Quasi ao escurecer achou a erva. Apanhou-a e ia voltando apressadamente, quando se lembrou da flôr. Voltaria a buscal-a para leval-a a sua mãe. Como ella havia de apreciar-a!

Mas, quando chegou ao logar, em vez da flôr viu um anão-zinho.

"Não tenha medo," disse elle a Hans. "Entre."

Então, uma coisa maravilhosa succedeu. Um lado da montanha abriu-se como uma enorme porta, e Hans achou-se no castello mais lindo que jámais se viu. Hans foi de sala em sala e em todas ellas havia pilhas e pilhas de pedras preciosas: rubis, esmeraldas, topazios etc.

"Sirva-se, Hans," disse o anão, trazendo-lhe um grande sacco. "Leve comsigo quantas quizer. Um filho tão bom como você, merece sêr recompensado."

Hans encheu o sacco, e o anão dizia-lhe sempre que tirasse mais.

Quando o sacco estava bem cheio, Hans viu-se outra vez no meio da neve.

Certificou-se de que a erva estava no seu bolso, e com o sacco cheio de pedras preciosas foi-se depressa para casa.

"Mamãe, mamãe!" exclamou elle entrando. "Aqui está a erva para o seu remedio."

E despejando o sacco: "Veja! Não somos mais pobres!"

A mãe, logo que tomou a erva, sentiu-se boa.

O sacco de pedras é maravilhoso; continúa sempre cheio: — quanto mais lhe tiram mais cheio fica.

O JARDIM DA VOVÓ

IX

Lulú sentia-se cansado. Estivera brincando, colhendo flôres, edificando na areia, trepando pelos flancos da montanha que havia nos fundos do jardim da vovó.

Finalmente, exausto, deitou-se ao pé da montanha.

Depois, olhando ao longe, disse:

— “Que lindo! Como seria que tudo isto veio aqui ter? Será que cresceu á tôa? As flôres, eu sei, crescem das sementes, mas precisam de terra . . .”

Voltando-se, Lulú deu com a montanha. “Si esta montanha falasse, me explicaria. Ella parece saber tanto! . . .”

— Ella vae falar, disse a vovó; escute e ouvirá.

— Quer então saber a minha historia? Estou sempre prompta a contal-a, mas nem sempre desejam ouvil-a; hoje ninguem quer saber nada de velho e eu sou uma *antiqualha*.

Não me lembro dè quando comecei a vêr este lindo valle.

Sei que não era tão bonito como hoje. Estou aqui, ha muito, muito tempo: antes que esta terra fôsse habitada pelos brancos, ou mesmo pelos indigenas, antes que houvesse onças e antas.

A principio, nada existia além duma enorme extensão, sem arvores, nem arbustos. Minha cabeça não se erguia muito acima da superficie do sólo e por isso eu não divisava muito ao longe. Aos meus pés não corria este limpido regato; ao meu redór todo havia pantanos que cobriam tudo, excepto minhas irmãs aquellas altas montanhas que você avista lá ao longe no horizonte.

Disse que não havia plantas, mas como poderia havel-as, si não existia terreno em que crescessem?! Tudo que estava acima da agua era rochedo. Em todo o valle não havia terra sufficiente para cobrir a semente da mais insignificante das plantas que hoje cobrem os meus flancos!

A menor trepadeira, que agora se enrosca e viça entre os braços copados das minhas arvores, não poderia achar em toda minha superficie um pnto sufficiente para se apoiar.

Minhas irmãs eram tão pobres e tão nús como eu!

Ao nosso redór nada havia sinão a vastidão dos céos e das aguas.

Assim permanecemos durante seculos e seculos, ouvindo apenas o ruído das ondas e das torrentes. Não viamos alteração a não sêr quando as aguas das torrentes, precipitando-se, formavam seus canaes, seus caminhos. Dormiamos e sonhávamos emquanto as aguas iam-nos recortando auxiliadas pelo vento e pelo sol.

Depois de muito, muito tempo, que não posso contar, comecei a sentir que se formava sobre o meu dorso uma substancia, um pó fino, acinzentado.

Os meus flancos começaram a augmentar pelo deposito continuo do tal pó, mas tambem, de vez me quando, se partiam pelas aberturas que a agua produzia e os meus pedaços desprendidos rolavam para o valle que se extendia a meus pés.

Um dia, lembro-me bem, uma rajada de vento trouxe-me uma coisinha redonda. Achei-a bonita, guardei-a com cuidado. Soube depois que era uma *semente*. Como eu a acariciei, como a protegi!

Uma manhã encontrei em logar da semente uma plantinha verde e delicada. Ao olhal-a, admirada, disse-me ella: "Eu sou a semente transformada em planta; eu sou a vida."

Nos annos seguintes mais e mais sementes vieram, brotaram e cresceram. As folhas velhas cahiram para formar fôfos leitos ás plantinhas vindouras. Assim, depois de muitos annos recebi esta vegetação exuberante que me enfeita. Comecei a contar o tempo pelo brotar e cair das folhas e então, pela primeira vez, soube como passam celeres os annos.

Tempos depois que o valle se tornára verdejante, começaram a apparecer passaros e outros animaes. Peixes estranhos habitavam as aguas. Não sei donde vieram, nem posso descrevel-os, mas, si você examinar o sólo sob meus pés, ainda encontrará nelle impressos os esqueletos desses animaes bem como os das plantas entre as quaes viviam.

Com o decorrer dos annos começaram os animaes a parecer-se mais com os que vemos hoje em dia.

Depois, veio o grande dia em que os primeiros homens appareceram no valle, á procura de caça.

Gostaram do nosso valle e aqui se estabeleceram. Por milhares de annos aqui estiveram felizes e socegados.

Caçavam nossos veados, pescavam nossos peixes e descansavam ás portas das suas cavernas.

Mas, veio tambem o dia em que elles tiveram de ceder á raça branca a terra que ao vento e ás aguas pertencera.

Muita coisa tenho visto eu depois disto. Muita arvore tombou aos golpes do machado; bem retalhado tem sido o sólo que levou seculos para se formar. Primeiro, isto entristeceu-me bastante, pois eu pensei que a nova raça vinha destruir o que levára tantos annos para se formar. Mas, não. Vejo a arvore que tombou transformada em habitação, em escola, que apresenta uma nova e mais util fórma de vida: a vida das gerações futuras.

Retalhando o sólo, estão contribuindo para tornal-o cada vez mais rico.

Foi bom pois que o sol enxugasse a superficie dos rochedos; que o vento e as aguas conseguissem desfazer as particulas desses rochedos; que as sementes fossem trazidas de outras terras. Foi bom que com o cair das folhas velhas, as plantas formassem novos e fertéis leitos para as gerações futuras.

E' ainda bom que eu esteja envelhecendo e me desfazendo, afim de contribuir um pouco para a formação do sólo que deve nutrir os filhos das gerações futuras.

— Que historia bonita! Como eu gosto de ouvir as historias que a minha vovó sabe!

TODOS SÃO UTEIS

Era de manhã, cedinho.

Do alto do poleiro cantou o gallo: — *Co-co-ro-có! co-co-ro-có!* — “De todos os animaes eu sou o mais util ao homem! Pois não sou eu quem lhe annuncia o raiar do dia?! Desperto

as crianças, bem cedo, para que cheguem às aulas com tempo e não levem “marca tarde,” que é muito, muito feio.

E’ por isso que ellas gostam tanto de mim e vêm todos os dias me dar milho.”

Cló-cló-cló! cacarejou a gallinha: — “Gallo, você é muito presumçoso. Você nunca offerece às crianças, nada para comer. Eu lhes dou, quasi que diariamente, um ovo.

E quanta coisa gostosa não se póde fazer com os meus óvos!

E’ preciso reconhecer que eu sou muito mais util que você.”

Ouvindo esta discussão, o gato acordou:

Miau, miau! — “Eu sou o mais util de todos os animaes. Si eu não desse cabo dos ratos e camondongos, esses terríveis roedores acabariam com todo o pão, manteiga, queijo e biscoitos, e as crianças, coitadas, teriam que ir á escola sem lanche! E como não ficariam com fome as coitadinhas!

E’ por isso que eu e as crianças somos tão amigas. Ellas me dão leite e carne e me deixam dormir e roncar nos seus cóllos.”

Bau-uau! bau-uau! latiu o cão. — “Como você gosta de se gabar, gato! Eu pensei que você fôsse mais modesto! Então, você não sabe que sou eu, sem a menor sombra de duvida, o mais util de todos os animaes?!

Como se arranjariam vocês todos, si eu não vigiasse e protegesse a casa e todos os seus moradores?”

Renato, que ouvira a discussão, interrompeu-a, dizendo:

“Nós, crianças gostamos de vocês todos; precisamos de vocês todos. Todos nos são uteis, cada qual no seu lugar, fazendo o seu serviço.” E assim dizendo, foi dando: ao gallo e á gallinha, milho ás mãos cheias; ao gato, boa tigela com leite; ao cão, um grande osso para roer.

Os animaes deixaram de discutir fizeram a sua refeição e depois voltaram, cada qual ao seu trabalho, lembrando-se que todos, grandes ou pequenos, modestos ou importantes, todos são uteis.



A HISTORIA DE COLOMBO

Ha muitos annos, vivia na Italia um menino chamado Christovam Colombo.

Brincava com seus irmãozinhos, como vocês, e ajudava sua mãe nos serviços domesticos.

Morava em Genova, bella cidade banhada pelo Mediterraneo, e com um porto considerado o primeiro da Italia.

Seu pae era tecelão. Affirmam alguns que era de descendencia nobre.

Christovam aprendeu a lêr e a escrever, e podemos affirmar que era bom alumno de Arithmetica, pois este é um estudo que auxilia poderosamente os navegantes, e sêr navegante era a sua ambição, o seu sonho. Mas, mais do que tudo, gostava de Geographia. Neste estudo elle aprendia tanta coisa maravilhosa a respeito do mundo em que vivia!

Amava o mar. Nada lhe dava mais prazer do que navegar. Aos quatorze annos de idade fez-se marinheiro. Naquelle tempo a vida de marinheiro era cheia de perigos. Não se viajava como hoje em grandes vapores, que pôdem ir em qualquer direcção, não importa como soprem os ventos. Os navios eram a véla, difficeis de dirigir, especialmente quando sobrevinham tempestades.

Naquelles tempos acreditavam que a terra fôsse plana. Pensavam que, caminhando-se muito, muito, e numa só direcção se chegaria ao fim da Terra.

Hoje sabemos que a Terra é redonda. Christovam Colombo assim tambem pensava. A gente daquelle tempo julgava que Colombo estivesse louco, e todos caçoavam delle.

Contavam-lhe que o mar nalgumas regiões fervia, e que elle e os seus marinheiros seriam queimados si tentassem atravessar essas partes do oceano. Diziam-lhe que o vento os tocaria para longe das praias onde não mais conseguiriam voltar.

Mas Colombo ainda acreditava que poderia chegar a Leste viajando pelo Oeste; que poderia chegar á India pelo mar.

Atravessando a Asia, em camelos, chegavam á Europa grandes carregamentos de sedas, pedras preciosas e especiarias. Voltaria rico da India.

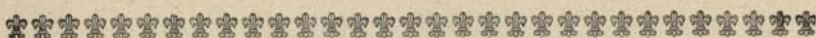
Seu rei negou-lhe auxilio. Pediu a D. João, de Portugal, que lhe dêsse embarcações e homens para fazer a viagem e achar um novo caminho para a India. D. João prometeu ajudal-o, mas, secretamente mandou outros homens ao mar. Elles estavam de posse dos mappas e indicações de Colombo, mas faltava-lhes o essencial — a coragem. Depois de navegarem dias e dias, tiveram medo e voltaram. Contaram ao rei que só havia agua e mais agua.

Colombo foi á Hespanha. Seus amigos dirigiram-se aos reis e depois de muita insistencia, consentiram em dar-lhe tres navios: *Pinta*, *Nina* e *Santa Maria*. Partiu. Viajou dias, semanas, mezes através do oceano indomito. O terror apoderou-se dos seus homens, mas Colombo não desistiu. Depois de trabalhos, perigos e revezes sem numero, avistaram terra. A primeira coisa que fizeram ao desembarcar, foi cairem de joelhos e agradecerem a Deus.

Não era a India como julgavam, mesmo que ainda hoje chamemos *indios* aos seus naturaes.

Colombo não descobriu um novo caminho para a India, mas fez coisa muito maior: descobriu um novo continente, um novo mundo. Descobriu o nosso continente, a America.





METHODOLOGIA

PROCESSO EDUCATIVO

OBJECTIVO ENCONTRADO NA NATUREZA DA VIDA

(A. TOMPKINS. — Trad.)

(*Continuação*)

Não obstante esta semelhança fundamental entre o desenvolvimento physico e o espiritual, existe uma differença essencial. A planta e o animal movem-se para sua realização, sem plano ou fim determinado. Elles não prevêm o que virão a sêr; não pôdem distinguir entre o ideal e o real.

Mas, no processo do desenvolvimento, a alma tem consciencia da distincção entre o realizado e o não realizado. O homem pôde imaginar-se differentemente do que o é.

Isto faz delle um sêr — uma pessoa. O que um homem vae sêr, é-lhe objecto de interesse, impulsionando-o ao esforço consciente de alcançar sua mais elevada perfeição. Isto, e não o facto delle reunir pensamentos em sequencia logica, faz do homem um sêr racional; pois os animaes demonstam notavel habilidade em coherencia logica. O papagaio, jogando fóra uma noz leve, deve fazel-o em obediencia a um syllogismo logico: “Nozes que são leves, não são boas para papagaios; ora, esta noz é leve; logo não é boa para o *Louro*.” Mas não temos o minimo indicio de que *Louro* jámais tivesse, em sua presença um papagaio ideal, para servir de modelo á sua existencia de papagaio.

Si assim fôsse, teriamos escolas para papagaios; pois as escolas têm por fim ajudar os sêres a realizar, conscientemente, alguma condição irrealizada, apresentada como objectivo. A educação depende da existencia do conhecimento da consciencia.

Si o homem não se pudesse vêr differente do que é — vêr-se como deveria sêr em contraste com sua condição actual — elle não poderia sêr ensinado. Por intermedio da consciencia propria, o homem póde julgar-se; elle é alguma coisa mais que um facto destinado entre as forças cegas da natureza elle tem liberdade de crear a sua propria vida e deve sêr portanto responsavel.

Assim objectivando a alma a si mesma, o intellecto, o poder de objectivar a mente, presta seus serviços fundamentaes ao desenvolvimento espiritual.

A consciencia dum sêr irrealizado, em contraste com um sêr actual é o facto fundamental e universal da vida humana. Esta consciencia tem todos os tons de clareza; mas onde quer que haja uma alma humana, existe, ou pallidamente percebido ou distinctamente conhecido, algum bem espiritual ainda não alcançado. A debil vida da criança, está vagamente demonstrando o que ella vae sêr; póde estar apenas desejando sêr grande como o papae ou a mamãe, todavia apega-se a um bem futuro que constitúe prophesia de melhores coisas.

Com o progredir da cultura, a vida torna-se um objectivo definido do sêr; o character é definido e claramente obtido; e todo esforço póde influenciar sobre aquillo que a alma instinctivamente sente sêr seu mais alto ideal.

Si bem que a visão dum character nobre, observada pela mente, seja essencial ao desenvolvimento espiritual, por si só ella não assegurará esse desenvolvimento.

O homem deve sêr susceptivel á influencia desse ideal; deve sêr irresistivelmente attrahido a elle. A natureza emocional corresponde ao ideal que a razão lhe offerece. Cognominamol-o *o sentimento de valor e orgulho de character*. Contemplar o ideal da vida, faz nascer a sensação de descontentamento com-sigo mesmo — uma sensação da insignificancia em presença do valor do ideal. Quanto maior fôr a tensão entre o real e o ideal, tanto mais elevado é o character.

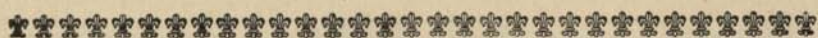
Satisfacção propria é o mal da época. Ha pouca esperanza para aquelle que se contenta com a sua actual posição. Um

mancebo de idéas nobres, de espirito elevado, embriaga-se com um ideal; e não descansa sinão quando esteja directamente dirigindo-se á mais elevada perfeição.

O homem póde ter claramente ante si um nobre ideal e póde estar vivamente alerta á sua influencia, e ainda assim não chegar alegremente ás estrellas. Elle está dolorosamente consciente dum obstaculo, contra o qual precisa lutar com todas as forças, para vencer.

Isto requer a acção vigorosa do terceiro poder da alma, a vontade.

A não sêr que o braço forte da resolução extenda-se e defenda o ideal contra todos os revezes da vida, em vão terá o intellecto creado o ideal, e a sensação de valor será dissipada no ar. A função organica dos tres poderes da alma no processo vital, apparece agora. O intellecto objectiva-se a si mesmo — cria o character que ainda está por se formar e oppõe-se ao sêr actual; as emoções respondem com uma sensação de interesse ao ideal que foi levantado — uma sensação de união entre o sêr presente e o ideal, á medida que a vontade activamente se apodera do ideal e unifica o sêr actual com o ideal apresentado. A ultima actividade — o esforço de apegar-se ao valor real da alma contra as forças que tendem a degradar a vida — é a actividade predominante na consciencia, e transforma a vida naquillo que immediatamente sentimos que a vida é, um esforço consciente de realizar algum bem ainda não attingido.



EDUCAÇÃO PHYSICA

INSTRUÇÕES GERAES PARA O ENSINO DE GYMNASTICA E JÓGOS ESCOLARES

TIPOS DE CLASSES PARA ESCOLAS PRIMARIAS

PLANOS A DESENVOLVER

(1.º ANNO — DE 7 ANNOS A 8)

TYPO UNICO

PLANO:

Primeiro momento, 8 m. — Formações simples e marchas em passo regular.

Segundo momento, 15 m. — Corridas methodizadas em passo normal. Jógos suffocantes.

Terceiro momento, 2 m. — Respirações profundas.

Os tres momentos, 25 minutos.

(2.º ANNO E 3.º — DE 9 ANNOS A 10 E DE 10 A 11)

TYPO A

PLANO:

Primeiro momento, 8 m. — Marchas com movimentos dos braços e elevação nos calcanhares.

Segundo momento, 15 m. — Corridas methodizadas e jogo suffocante.

Terceiro momento, 2 m. — Respirações profundas.

Os tres momentos, 25 minutos.

TYPO B

PLANO:

Primeiro momento, 8 m. — Marchas com evoluções.

Segundo momento, 15 m. — Jogo que signifique movimentos dos braços e do tronco. Corridas methodizadas.

Terceiro momento, 2 m. — Respirações profundas.

Os tres momentos, 25 minutos.

TYPO C

PLANO:

Primeiro momento, 15 m. — Marchas cantando, com ródas.

Segundo momento, 8 m. — Corridas methodizadas.

Terceiro momento, 2 m. — Respirações profundas.

Os tres momentos, 25 minutos.

NOTAS

1) — Essas classes de typo se alteram de tal modo, que se desenvolve, na semana, uma de cada typo ou plano *A*, *B* e *C*, no 2.º anno e no 3.º

2) — Do 4.º anno em diante, as classes serão de 8 momentos.

3) — O *typo* unico é para o 1.º anno; mas, no fim do anno, poder-se-á desenvolver, nessa classe, o *typo C*, de preferencia, que se tornará mais ameno para as crianças, por causa do canto.

4) — As classes de exercicios, na escola primaria, devem sêr praticadas, attendendo-se aos fins que a educação physica racional se propõe — *hygienico, esthetico, economico e moral*.

O *hygienico* visa a saúde; o *esthetico*, a correção das fôrmas; o *economico*, a producção de maior trabalho com o menor gasto funcional; o *moral*, a formação do caracter individual e colectivo.

5) — O ensino será distribuído, attendendo-se á idade do alumno, e aos planos, a desenvolver, de tres momentos, no 1.º anno, no 2.º e no 3.º

6) — O desenvolvimento de cada plano será feito mais tarde, opportunamente, em instrucções especiaes, á parte.

7) — A *lição completa* tem os seguintes caracteristicos: — começa sempre pela *sessão preparatoria* e termina pela *volta á calma*. Deve sêr *continua, alternada, gradual, attraente e disciplinada*.

Continua — quando só é cortada pela mudança de exercicios ou pela passagem aos exercicios respiratorios, destinados a normalizar a respiração e a circulação.

Alternada — quando formada por uma successão de exercicios interessando, alternadamente, as partes superiores e inferiores do corpo.

Gradual — quanto á intensidade, quando os exercicios são escolhidos de tal modo que a energia necessaria para executal-os vae crescendo da sessão preparatoria até dois terços da lição, e dahi decrescendo até a volta á calma; ou *gradual*, quanto á difficuldade, quando, no decurso da instrucção, compreende exercicios cada vez mais difficeis.

Attrainte — quando se variam frequentemente os exercicios e se intercalam os *jógos* durante a lição, para despertar o interesse dos alumnos e constituir realmente uma diversão.

Disciplinada — quando dirigida com firmeza e ordem.

TIPOS DE CLASSES

PARA QUARTOS ANNOS DE GRUPOS, ESCOLAS COMPLEMENTARES,
GYMNASIOS E ESCOLAS NORMAES

PRIMEIRO PLANO A DESENVOLVER

(*Classes praticas sómente*)

DE 11 ANNOS A 15

1.º MOMENTO:

Exercicios preliminares — Despertar a classe, ou interessal-a pela lição.

Efeitos physiologicos: — acção preparatoria sobre a circulação.

- a) — Marchas rithmicas simples.
- b) — Evoluções de ordem simples. Especies de passos.
- c) — Formaturas gymnasticas rapidas.
- d) — Exercicios simples dos braços, pés, cabeça e das pernas.

2.º MOMENTO:

Exercicios de suspensão — Efeitos physiologicos: — acção preparatoria sobre a respiração.

- a) — Exercicios na viga e no espaldar.

3.º MOMENTO:

Exercicios de equilibrio — Efeitos physiologicos: — acção preparatoria sobre a tonicidade muscular e sobre a destreza.

- a) — Elevação dos calcanhares, com as posições gymnasticas regulamentares.
- b) — Flexões dos joelhos, com as posições gymnasticas regulamentares.
- c) — Exercicios sobre um pé.
- d) — Exercicios na viga e no banco sueco.

4.º MOMENTO:

Exercicios do tronco — Efeitos physiologicos: — acção sobre as massas musculares da columna vertebral, das costas e do abdomen.

- a) — Flexões do tronco para traz e para frente, com as posições gymnasticas regulamentares.
- b) — Flexões lateraes do tronco, com as posições gymnasticas regulamentares.
- c) — Torsões do tronco, com as posições gymnasticas regulamentares.
- d) — Flexões do tronco nas posições *ajoelhada* e *meia ajoelhada*.

5.º MOMENTO:

Marchas — Efeitos physiologicos: — excitação da respiração e da circulação.

- a) — Na cadencia ordinaria.
- b) — Corridas em conjunto e de velocidade.
- c) — Marchas varias.

6.º MOMENTO:

Repouso relativo — Efeitos physiologicos: — regularizar a circulação e acalmar o coração.

- a) — Marchas lentas.
- b) — Elevação dos braços com respiração profunda.

7.º MOMENTO:

Exercicios suffocantes — Efeitos physiologicos: — excitação intensa da respiração e da circulação.

- a) — Saltos com corridas de impulso e a pé firme.
- b) — Exercicios no cavallette, no caixão e na sella.
- c) — Jógos suffocantes: — Bóla ao cesto, barra-bóla, bóla-americana, os correios, bóla-balão etc.

8.º MOMENTO:

Volta á calma e exercicios respiratorios — Efeitos physiologicos: — acalmar a respiração e a circulação.

- a) — Marchas lentas, algumas com canto.
- b) — Exercicios de respirações profundas, com elevação dos braços.

SEGUNDO PLANO A DESENVOLVER

3.º ANNO NORMAL

(*Classes praticas sómente*)

DE 15 ANNOS A 18

1.º MOMENTO:

Exercicios preliminares — Despertar a classe; interessal-a pela lição.

- a) — Marchas e evoluções combinadas.
- b) — Passos de corridas.
- c) — Passo gymnastico e rithmico.
- d) — Flexões e rotações da cabeça.
- e) — Extensões e circumdações dos braços.

2.º MOMENTO:

Exercícios de suspensão — a) Exercícios na viga, no espaldar, nas cordas e nos quadros.

3.º MOMENTO:

Exercícios de equilíbrio — a) Flexões dos joelhos, com as posições gymnasticas regulamentares.

b) — Elevação dos joelhos, das pernas e do pé, com as posições gymnasticas regulamentares.

c) — Exercícios e marchas de equilíbrio no banco e viga, virados.

4.º MOMENTO:

Exercícios do tronco — a) Flexões do tronco para a frente e para traz, com as posições gymnasticas regulamentares.

b) — Flexões lateraes do tronco, com as posições gymnasticas regulamentares.

c) — Torsões do tronco, com as posições gymnasticas regulamentares.

d) — Flexões do tronco nas posições *ajoelhada* e *meia ajoelhada*.

5.º MOMENTO:

Marchas — a) Na cadencia ordinaria.

b) — Corridas em conjunto e de velocidade.

c) — Marchas varias.

6.º MOMENTO:

Repouso relativo — a) Marchas lentas, com movimentos dos braços.

b) — Marchas nas pontas dos pés.

7.º MOMENTO:

Exercícios suffocantes — a) Passo de trote.

b) — Saltos de impulso e a pé firme.

c) — Saltos na viga, no caixão, no cavallette e na sella.

d) — Jógos suffocantes: — bóla ao cesto, bóla expressa, fechar a porta, bóla de torre, bóla ao ar, *base-ball*, *petéca* etc.

8.º MOMENTO:

Volta á calma e exercicios respiratorios — a) — Marchas lentas, algumas com canto.

b) — Respirações profundas e elevação dos braços.

UMA CLASSE DE JÓGOS NO CURSO COMPLEMENTAR

GRUPO DE 50 MENINOS, DE 12 ANNOS A 14

Campo — Praça de exercicios.

Tempo — Uma hora.

1.º — Formação em duas fileiras. — Marchas gymnasticas com movimentos dos braços: — 10 minutos.

2.º — Passo de trote cadenciado e curto, alternado com marchas curtas e exercicios respiratorios: — 10 minutos.

3.º — Jogo de bóla ao cesto — 25 alumnos, e jogo de barra-bóla: — 30 minutos.

4.º — Marcha regular gymnastica e exercicios respiratorios: — 10 minutos.

GRUPO DE 50 ALUMNOS, DE 14 ANNOS A 20

1.º — Formação em duas fileiras. — Marchas gymnasticas com movimentos de braços. Marchas na ponta dos pés: — 10 minutos.

2.º — Passo de trote cadenciado. — Salto em comprimento e altura, de conjunto, e exercicios respiratorios: — 10 minutos.

3.º — Jogo de futebol em dois campos: — 35 minutos.

4.º — Marcha regular e exercicios respiratorios: — 5 minutos.

NOTAS

As mesmas classes poderão applicar-se ás meninas, trocando-se na 1.ª o jogo de *barra-bóla* por *bóla ao ar*, e, na 2.ª, supprimindo o *futebol* e accrescentando o jogo de *bóla ao cesto*.

1) — A educação physica das meninas é sensivelmente a mesma que a dos meninos, até á idade de 15 annos. São condemnados os exercicios de força.

2) — Na escola normal é que se preparam os que hão de propagar a educação physica como sã doutrina e benefica applicação na escola primaria e na sociedade, sob o duplo aspecto de mestre e chefe de familia. Todos os esforços da escola normal se dirigem e se orientam para esta finalidade bem definida: — a preparação profissional do mestre.

3) — Dos 4 annos aos 7, as aulas se reduzem a $\frac{4}{5}$ de jógos e brinquedos gymnasticos, para $\frac{1}{5}$ de gymnastica.

4) — Dos 7 aos 9 annos, caracterizam-se por $\frac{3}{5}$ de jógos, para $\frac{2}{5}$ de gymnastica. Dos 9 em diante, por $\frac{4}{5}$ de gymnastica, para $\frac{1}{5}$ de jógos.

4) — As aulas devem sêr cheias de vida, de exercicios e de mobilidade.

5) — Os alumnos deverão conhecer, pratica e theorica-mente, o escotismo e os exercicios methodizados de marchas, corridas, saltos e os jógos gymnasticos principaes, como sejam: — bóla ao cesto, bóla expressa, fechar a porta, bóla de torre, bóla ao ar, *base-ball*, petéca etc.

ATTITUDES

As attitudes devem sêr sempre correctas, no decurso das lições.

Nos bancos, nas carteiras, ao escrever ou ao desenhar; nas aulas de gymnastica os alumnos contrahirão deformidades, si não houver, presidindo aos exercicios, instructores competentes.

Amarra-se a planta á estaca, para que cresça, erecta e soberba, na direcção que lhe é marcada.

Assim tambem, se *amarra* a criança ás attitudes correctas, para que se desenvolva, sem o thorax abobadado e não se apresente á familia e á sociedade como uma victima da escola.





PAGINA DA CRIANÇA

EXERCICIOS DE RACIOCINIO

Assim como me enchem todas as manhãs, também me esvasiam todas as noites.

Tenho uma bocca bem grande, por isso não preciso de tantas boquinhas que, com o tempo, me apparecem e que tanto me prejudicam, pois então sou desprezada.

Occupo uma posição muito inferior, pois vivo calcada aos pés humanos.

E, para meu maior pezar, a mim que sou tão util á humanidade, não me dão sequer as honras de me considerarem um todo, uma coisa inteira!

Ha, porém, uma noite no anno em que me sinto muito feliz, porque guardo commigo muitas coisas bonitas destinadas ás crianças.

*
**

Como um thezouro de conhecimentos, sei tudo, mas sem alarde. Não faço como muita gente que annuncia aos quatro ventos o pouco que sabe. Só me manifesto quando consultado, sinão, guardo rigoroso silencio.

Não é bonito a gente se gabar, mas possúo ainda uma optima qualidade: sou pacificador e, embora não faça parte da "Liga das Nações," sei resolver muitas questões.

Vocês, crianças, devem cultivar minha amizade, procurar-me sempre, pois sempre me encontrarão prompto para resolver suas difficuldades.

E tudo eu farei por vocês, sem lhes pedir sequer um "muito obrigado."

Estou á espera das crianças, mas quero que ellas me procurem.

Procurem-me, pois, que me acharão.

Para isso, ouçam um coisa: não sou arvore, mas, ás vezes, trago milhares de folhas.

*
**

Gosto muito dos feriados. Nesses dias, ergo-me cedinho, ao nascer do sol, e só me recolho á noite.

Vocês todas, crianças, me querem e me veneram, descobrem-se quando passam por mim, entretanto eu não sou nem um santo.

Tambem não sou verbo e represento o passado, o presente e o futuro.

Querem dizer o meu nome?





MUSICAS E CANTOS ESCOLARES

A TROPA QUE PASSA

(LETRA DA MUSICA ANNEXA)

Adaptação de Arnaldo Barreto

Agita-se o povo, revolve-se o lar
Ao som do clarim que nos ares perpassa;
São todos á rua, p'ra vêr desfilar
A tropa que passa.

Os sinos repicam na torre velhinha,
Emquanto a corneta os écos trespassa;
Na sombra da estrada, marchando, caminha
A tropa que passa.

As moças chorando, e os ricos e os pobres,
E as mães e as irmãs, da janella á luz baça,
Acenam os lenços num ultimo adeus
A' tropa que passa.

Curvados os velhos, a fronte ostentando
Coberta de neve, que a idade entrelaça,
A's portas assomam, sorrindo ou chorando
A tropa que passa.

Os bellos soldados, tão jovens, marchando,
Abafam as maguas que os peitos lhes cerra;
Alguns chora ainda... Talvez vae pensando
Nas dôres da guerra.

Agita-se o povo, revolve-se o lar
Ao som do clarim que nos ares perpassa;
São todos á rua, p'ra vêr desfilar
A tropa que passa.





ESCOTISMO

“A palavra do escoteiro é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo.”

— “Quando um escoteiro diz: “E” assim, dou a minha palavra de honra” ou “Pela minha honra affirmo...” não ha que duvidar; é como si tivesse prestado o mais solemne juramento.

Si um escoteiro faltasse á sua palavra mentindo, ou si mesmo não executasse, com solicitude, a ordem que lhe transmittissem, fazendo appello á sua honra, poder-se-ia forçá-lo a entregar as suas insignias, sendo-lhe interdito tornar a usá-las.”
(BADEN-POWELL.)



Da sinceridade das nossas palavras, dos gestos francos e decisivos, é que provêm todas as forças moraes: — *enthusiasmo, energia, vontade, iniciativa, trabalho, dever, dignidade, firmeza e perfeição.*

Na luta, nas grandes batalhas da existencia — disse esse grande predicator de energia, que foi Roosevelt — o brilho da intelligencia e o perfeito desenvolvimento physico serão esquecidos ante as qualidades moraes grupadas sob o nome de caracter.

Para que a palavra do escoteiro seja sagrada e tenha o prestigio solemne dum juramento, é preciso que a sua conducta prime neste particular. O escopo das suas aspirações deve sêr a *vida integral* que o “Codigo dos Escoteiros” preconiza; é preciso que nunca lhe falte a confiança e a firmeza, que devem guiar os seus passos por todos os caminhos.

A vida é uma luta constante para um ideal ascendente de perfeição. Importa, pois, vencer, e para isto basta que saiba-



N. S. DA PENHA DE FRANÇA
Venerada em Seu
Santuário Perto da Capital de São Paulo

mos sêr sinceros e que a verdade paire sobre todos os nossos actos, os mais communs.

O amor á verdade dignifica, dá-nos autoridade e força para alcançar um dia a palavra da victoria, emquanto que a mentira desacredita, degrada, corrompe e perverte. Ninguém confia no mentiroso; todos se afastam d'elle e o temem, apontando-o como um sêr desprezível, capaz de todas as intrigas e de todas as villanias.

Lembremos, jovens escoteiros, o gesto firme do senador Helvidio Prisco, quando Vespasiano, o imperador de Roma, lhe pediu que não fôsse ao Senado, para não impedir, com as suas palavras austeras, os seus planos.

— Está em vossas mãos usurpar-me o cargo, respondeu Prisco, porém emquanto eu fôr senador, não faltarei ao Senado; é um dever.

— Pódes ir, retorquiu o imperador, mas será para calar.

— Impossível! Eu não posso deixar de dizer o que creio justo.

— Advirto-te que, si fôres contra os meus planos, morrerás...

— Faremos cada um o que está em nossa consciencia. Eu direi sempre a verdade, embóra pese sobre minha cabeça a vossa ameaça. Acaso disse eu alguma vez que sou um immortal?...

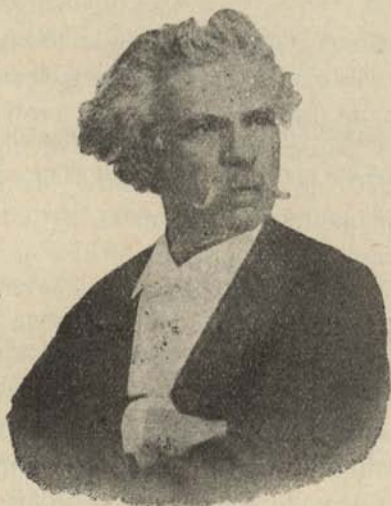
Ao escotismo compete, por meio duma acção multiforme e continua, crear uma mocidade dedicada e sincera, combativa e heroica, simples e energica, uma mocidade que realize o ideal preconizado por Ruskin, e que era o apanagio dos hellenos: — *o bello, o esplendor da verdade.*



VULTOS E FACTOS

(LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS)

GALERIA NACIONAL



CARLOS GOMES

Dos primitivos mestres da musica brasileira, apenas se destacam dois nomes: — Francisco Manoel, autor do hymno nacional, e o padre José Mauricio — o Palestrina brasileiro — autor de numerosas composições sacras de inconfundivel prego.

Depois, surgiu como uma affirmação definitiva, a figura empolgante de Carlos Gomes — o mais inspirado dos compositores brasileiros.

Nasceu Carlos Gomes na cidade de Campinas, em 1837. Era o rebento privilegiado duma familia de musicos, e desde muito cedo, guiado por seu pae, dedicou-se ao estudo dos instrumentos de banda marcial, sem comtudo esquecer o piano, no qual aperfeçoou-se duma maneira pouco vulgar em seu tempo.

A sua carreira de compositor iniciou-a aos vinte annos,

escrevendo musicas sacras para as festas e solemnidades religiosas da sua cidade natal. Vendo que a permanencia em sua terra era desfavoravel ao progresso do seu talento exuberante, seguiu para o Rio de Janeiro, estudando ahi composição com o maestro Gianini e aproveitando as representações lyricas, ás quaes não faltava.

A composição das duas partituras "Noite do Castello" e "Joanna de Flandres" fez com que o governo lhe concedesse uma pensão para ir estudar na Italia — centro para onde convergiam então os peregrinos da musica de todo o mundo.

Ahi, em 1870, no theatro "Scala," de Milão, era representada a sua primeira grande opera o "Guarany," que lhe valeu os mais rasgados elogios da critica e a palavra de sagração de Verdi. Dois annos depois, o mesmo theatro annunciava a nova opera de Carlos Gomes, a "Tosca," que fôra precedida pela "Maria Tudor," em Londres, e a que se seguiram o "Salvador Rosa," o "Condor," e o "Schiavo."

Embóra grandemente influenciado pela escola italiana, a sua musica já entremostra uns clarões pronunciados de brasilidade, tendo aproveitado com maestria alguns themas musicaes indigenas, de effeito curioso, principalmente nas danças e bailados das suas operas.

Carlos Gomes morreu em 1896, no Pará, sendo o seu cadaver transportado para Santos num barco de guerra que tomou o seu nome. Ao desembarcar o corpo, no Rio de Janeiro, o povo em prestito imponentissimo, rendeu-lhe as homenagens devidas, e cerca de 500 musicos executaram, no pateo do Arsenal de Guerra, a protophonía do "Guarany."

Campinas, orgulhosa da gloria immorredoura de seu filho, fez erigir numa das suas praças principaes um bello monumento, trabalho do escultor Rodolpho Bernardelli.

A colonia italiana de S. Paulo, querendo significar a sua grande veneração pela terra hospitaleira, escolheu para coroa-mento dessa homenagem a figura empolgante do musico immortal, erguendo-lhe o bello monumento que, da esplanada do "Municipal," domina sobranceiro o valle do Anhangabaú.

DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

No concurso realizado, em fevereiro p. passado, para provimento de escolas-isoladas e reunidas da Capital, foram classificadas, na ordem que segue, 14 candidatos com exercicio em grupos-escolares, escolas-reunidas e isoladas.

CANDIDATAS AO PROVIMENTO DE ESCOLAS ISOLADAS E REUNIDAS DA CAPITAL, COM EXERCICIO EM GRUPOS - ESCOLARES, ESCOLAS - REUNIDAS E ISOLADAS:

1	Hercilia Monforte	557,5
2	Elzira de Camargo	547,7
3	Benedicta Machado Antunes	537,6
4	Maria Marcondes Freire de Carvalho Rodrigues	537,4
5	Leonor Bergstron Lourenço	532,2
6	Maria de Lourdes Freire de Carvalho Rodrigues	511,7
7	Heroína de Sant'Anna Cruz	507,5
8	Maria Aparecida Vieira	502,0
9	Odette Guedes Leite	502,0
10	Henedina de Barros	501,8
11	Zilda de Barros Machado	500,9
12	Edith de A. Nunes Pereira	496,0
13	Elisa da Silveira Neuben	487,6
14	Eulalia Marcondes dos Santos	482,1
15	Antonia Rosa Ferraz de Moraes	475,0
16	Maria da Conceição Barros França	473,2
17	Dolores da Silva Salinas	471,3
18	Emilia Monteiro	469,7
19	Alzira de Paula	465,0
20	Hortencia Mathey	465,0
21	Maria Luiza Fachada	463,2
22	Maria Salomé da Silva	461,2
23	Noemia Marret	461,2
24	Adelina Majeau	460,0

25	Delourdina do Carmo Galhardo	458,3
26	Maria de Lourdes Chagas	456,0
27	Bertha da Conceição	455,0
28	Pedrina Delpy	454,4
29	Cecilia Ayrosa de Azevedo	452,5
30	Maria Abigail de Oliveira	447,3
31	Maria da Gloria de Siqueira	444,2
32	Georgina Macêdo de Carvalho	444,0
33	Maria Umbelina de Toledo	438,8
34	Maria Arruda	438,0
35	Antonietta Zapparoli	437,0
36	Carmen Scigliano	436,3
37	Perpetua Maria Coelho	427,6
38	Anna Rosa Pinheiro	424,0
39	Amelia Pereira	421,5
40	Maria José Barone	415,5
41	Joanna Rugna	415,2
42	Ida Sciliano	412,7
43	Anna Julia Leite,	412,0
44	Alice da Costa Seixas	404,0
45	Angelina Alario	400,0
46	Maria Jacy de Salles Oliveira	398,7
47	Jacy Cyrillo de Castro	396,0
48	Maria Dutra	393,8
49	Zelia Constantina de Carvalho	384,3
50	Belmira Dutra	377,2
51	Maria Alzira Machado	370,3
52	Maria da Penha B. Pereira da Silva	361,0
53	Maria Geraldina de Campos	355,5
54	Maria Francisca de Moura	354,7
55	Annunciata Gerosma	354,0
56	Virginia Quaglio	349,2
57	Luiza Gonçalves Lopes	347,4
58	Guiomar Rodrigues	338,7
59	Maria Pereira Beniamino	335,2
60	Sylvina Maria de Souza	327,0
61	Maria Brasiliense Fusco	309,3

62	Brasilia Gonçalves Pereira	308,4
63	Thereza Carneiro Seoane	302,7
64	Rosa Maria Braga	302,2
65	Elisa Faria Bittencourt	302,0
66	Benedicta Salles da Silva	300,0

CANDIDATAS COM EXERCICIO COMO SUBSTITUTAS EFFECTIVAS:

1	Edwiges Zocchio	550,8
2	Maria Olesia de França Carvalho	540,8
3	Maria Antonia Dell'Ape	529,4
4	Eunice Zerbine	514,7
5	Therezina Contier Pineroli	506,6
6	Paulina Bonecker	504,5
7	Cynira Rocha Mendes	502,6
8	Iracema Marques da Silveira	502,0
9	Maria José Monteiro	496,8
10	Castorina de Toledo Rangel	493,3
11	Thereza Pinto Moreira	486,4
12	Beatriz Maldonado	480,7
13	Cyrene Medeiros	473,6
14	Carolina Finotto	473,4
15	Maria Rita Chaves	472,5
16	Iva Guiomar Divani	465,6
17	Maria do Carmo Godoy	463,1
18	Elisa Correia de Almeida	463,0
19	Lucie Chamuseau	462,7
20	Maria José Couto e Silva	460,0
21	Bartyra de Andrade	458,5
22	Ermelinda Cesar Pinheiro	453,6
23	Fanny Rehder	452,0
24	Noemia de Lima	449,6
25	Irma Beraldi	448,9
26	Maria dos Remedios M. dos Santos	448,1
27	Maria Elisa Pires Ferraz	446,7
28	Maria de Lourdes Penteado Galvão	445,2
29	Maria Angela Flogliano	442,8

30	Josephina Honorina de Almeida	440,0
31	Yvonetta Pinto	437,2
32	Maria Julieta Pereira	436,7
33	Rosa Affonso	434,0
34	Virginia Vieira Nunes	429,7
35	Maria Catharina Spina	428,0
36	Jardilina Xavier	427,6
37	Maria Auta de Campos Viegas	427,2
38	Irma Caruso	425,4
39	Luzia Ubriaco	418,7
40	Camilla Bernadelli	417,8
41	Dolores Couto e Silva	415,7
42	Labibe Miguel Ciufe	414,8
43	Adelina de Oliveira	406,8
44	Joanna Baptista	396,3
45	Elvira Monteiro	396,1
46	Nicolina Bispo	394,4
47	Virginia Conde Scrosoppi	394,0
48	Berthilia de Queiroz Niglio	393,0
49	Esther Bonilha	391,4
50	Maria Juvenal Homem de Mello	387,7
51	Ernestina Ippolito	372,4
52	Lucinda Pinto	372,3
53	Benedicta Cardoso Rebello	356,8
54	Blandina Goulart de Souza	336,0
55	Margarida C. Sellis Colpaert	335,8
56	Julieta Andreatta	334,0
57	Carmen de Abreu	321,0
58	Christina Gaertler	313,7
59	Clementina Schiavo	301,0

**CANDIDATOS AO PROVIMENTO DE ESCOLAS - ISOLADAS E REUNIDAS
DA CAPITAL, COM EXERCICIO EM GRUPOS - ESCOLARES E ESCOLAS -
ISOLADAS:**

1	Antonio Zendron	544,0
2	Francisco Brasiliense Fusco	507,0
3	Antonio Gonçalves da Silva	497,5

4	Alfredo Georgetti	491,9
5	Mario Guedes de Macedo	479,0
6	Manoel Cyro Bonilha	457,2
7	José Garcia Simões Rocha	422,4
8	José de Oliveira Orlandi	412,5
9	Francisco Xavier de Castro	410,2
10	Cosme Deodato Thadêo	372,3
11	João Raphael de Petti	336,2
12	Francisco de Paula e Silva	329,8
13	Francisco Eugenio de Lima	310,3
14	Armando Quaglio	302,3

CANDIDATO COM EXERCICIO COMO SUBSTITUTO EFFECTIVO:

1	Celimenno Avelino Appelt	427,7
---	------------------------------------	-------

As escolas a serem providas foram as seguintes:

MASCULINAS:

- 1 — 2.^a — Carandirú.
- 2 — 3.^a — ”
- 3 — 1.^a — Chora Menino.
- 4 — 2.^a — ” ”
- 5 — 2.^a — Agua Rasa.
- 6 — 2.^a — Villa Prudente.
- 7 — Villa Deodoro, Cambucy.
- 8 — Parada Ingleza.

FEMININAS:

- 1 — 2.^a — Agua Rasa.
- 2 — 1.^a — Carandirú.
- 3 — 2.^a — ”
- 4 — 1.^a — Chora Menino.
- 5 — 2.^a — ” ”
- 6 — 1.^a — Parada Ingleza.
- 7 — 2.^a — ” ”
- 8 — 3.^a — Reunidas do Lageado.
- 9 — Alto da Lapa.

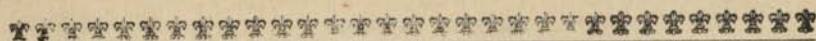
MISTAS:

- 1 — 1.^a — Bairro do Limão.
- 2 — 2.^a — " " "
- 3 — 3.^a — " " "
- 4 — 1.^a — Bairro do Anastacio.
- 5 — 2.^a — " " "
- 6 — 3.^a — " " "
- 7 — 1.^a — Parada, Estrada de Campinas.
- 8 — 2.^a — Lapa de Baixo.
- 9 — 2.^a — Villa Hamburgueza.
- 10 — 2.^a — Villa Esperança.
- 11 — 3.^a — " "
- 12 — 2.^a — Agua Rasa.
- 13 — 2.^a — Villa Carioca.
- 14 — 2.^a — Indianopolis.
- 15 — 4.^a — "
- 16 — 2.^a — Villa Clementino.
- 17 — 2.^a — Villa Emma.
- 18 — 2.^a — Bussucaba.
- 19 — 2.^a — Butantan.
- 20 — 3.^a — Villa Mangalot.
- 21 — 3.^a — Lapa de Baixo.
- 22 — 3.^a — S. João Climaco.
- 23 — Remedios.
- 24 — Piquery.
- 25 — Taipas.
- 26 — Kilometro 10, Sorocabana.
- 27 — Parada Ingleza.
- 28 — Cachoeira, fazenda "Santa Maria."
- 29 — Passagem Funda.
- 30 — Jabaquara.
- 31 — Agua Funda.
- 32 — Manancial do Ypiranga.
- 33 — Pé de Boi, Villa Marianna.

- 34 — Villa Brasilina, Villa Marianna.
- 35 — Estação de Perú.
- 36 — Lapa, Villa Leopoldina.
- 37 — Villa Magdalena.

Para a escolha dessas escolas foram os candidatos chamados á Directoria Geral da Instrucção Publica, em turmas consecutivas, na ordem da classificação obtida em concurso e na fórmula da lei.





SECRETARIA DO INTERIOR

INSTRUÇÃO PUBLICA

Varios despachos, pelo Ex^{ma}. Sr. Dr. Secretario do Interior

FEVEREIRO — 1926:

D. ANALIA RAMOS. — O facto allegado não constitúe fundamento legal para licença. Não foi regular o acto do respectivo director do Grupo aceitando e encaminhando o requerimento a fls. 1, como de inicio declarado, quando o paragrapho 2.º do art. 17 do dec. n. 3.205, de 1920 é terminantemente expresso, declarando que é possível a licença com inicio declarado no caso de estar provado que o professor está doente, de cama. Ora, na especie, a supplicante nem mesmo allegou molestia. Nessas condições, combinado esse paragrapho 2.º do artigo 17 com o paragrapho 3.º do artigo 16 do mesmo citado decreto, cumpria a essa autoridade declarar no requerimento que este não podia sêr encaminhado na fórma da lei. Nota: — Publicado o despacho, vá o processo á Directoria Geral da Instrução, para providenciar no sentido de sêr a supplicante intimada a reassumir dentro do prazo da lei.

D. ALICE DE ABREU COSTA, pedindo pagamento da gratificação “pró-labore” durante o tempo em que esteve licenciada nos termos do artigo 19. — Não tem logar o que requer; a gratificação “pró-labore” é, como aliás decorre dos proprios termos, devida exclusivamente no caso de exercicio effectivo, de effectivo trabalho. A requerente esteve em gozo de licença especial — a do artigo 19 da lei n. 1.521, de 26 de dezembro de 1926, fóra do exercicio, “sem trabalhar,” com vencimentos integraes, que são a recompensa concedida em taes casos.

DD. CARMEN SANTOS E MARIA TERRA. — As supplicantes são responsáveis pela demora havida no andamento do processo, pois se recusaram a uma prova exigida como essencial para a verificação do estado de saúde de cada uma dellas, natureza da molestia etc. Entretanto, como em casos identicos e por equidade, tem sido pago o ordenado respectivo, defiro em parte o requerimento, de accordo com a informação.

COSME DEODATO THADÊO. — Nada ha que rectificar, quanto ao prazo de licença, uma vez que foi concedida de accordo com a conclusão do laudo. Não foi regular a forma de reassumir adoptada pelo supplicante, mediante comunicação por officio. De accordo com a lei e com resoluções reiteradas sobre a materia, o funcionario deve comparecer pessoalmente perante a autoridade, afim de reassumir o exercicio. A violação de tal dispositivo e resoluções correspondentes, importa em nullidade do acto. Recommendo ás autoridades escolares a observancia da praxe legal, sob as penas da lei.

D. MARIA LUIZA FACHADA. — A supplicante não póde obter licença, uma vez que não está em exercicio. Publicado a 19 de janeiro ultimo, o decreto que autorizou permutar com a adjunta de Jardinopolis, cumpria á supplicante tornal-o effectivo entrando em exercicio do novo cargo dentro do prazo de 20 dias, estabelecido no art. 94, do decreto n. 3858, de 1925, facto então perfeitamente possivel, porque o concurso teve começo a 3 de fevereiro. Informe a secção competente si a adjunta de Jardinopolis, D. Ercilia de Mello Junqueira entrou em exercicio na Escola Modelo de Piracicaba.

MARÇO — 1926:

MANUEL FERREIRA CARDOSO. — Não tem logar o que requer. Os laudos dos casos de inspecção medica são fornecidos á Secretaria em character confidencial, e exclusivamente no interesse do serviço publico, não lhe sendo dado divulgá-los, salvo nos casos de defesa do Estado, em juizo. O supplicante, si quizer se inteirar dos termos do laudo, cuja certidão requer, pelo interesse em conhecer a molestia que motivou a licença, poderá fazel-o pela leitura delle, na secção respectiva desta Secretaria, em presença do respectivo chefe.

ARLINDO SILVA. — Sim, menos quanto ao inicio declarado, cujos requisitos não foram satisfeitos.

Para que pudesse obtel-o, devia o supplicante cumprir as exigencias dos artigos 16 e 17, paragrapho 2.º, do dec. n. 3205, de 1920, no tempo determinado pela lei e pela fórmula recomendada por esta Secretaria, para facilitar a intelligencia e applicação da mesma lei, cuja ignorancia não lhe é dado allegar.

JACOMO STAVALE. — Mantenho o despacho anterior. O citado artigo 13 autoriza a licença com vencimentos integraes ao professor que, em inspecção medica, fôr julgado cego. Ora, o supplicante não está nas condições indicadas — quer pelo laudo de 26 de janeiro ultimo, pois nelle se declara que a visão do olho direito ainda está boa, mas que a gravidade da molestia justifica a licença pelo artigo já invocado, quer pelo additamento de 26 do corrente, fls. 4, em que se insiste na gravidade da molestia e na necessidade de tratamento prolongado para que o supplicante evite a cegueira absoluta e fatal.

Ora, não é a gravidade da molestia, mas a necessidade de longo tratamento que justifica a concessão excepcional do citado artigo 13, mas a natureza da molestia, tipicamente caracteristica

— cegueira, e os proprios peritos não julgaram o supplicante cego.

A situação delle não é, como pareceu á secção, a fls. 5, identica a de outro professor (nominalmente citado) que o laudo julgou atacado de ambas as vistas, e com a visão praticamente nulla.

Ao Sr. chefe da Inspeção Medico-Escolar foi devolvido o laudo de inspecção de saúde a que se submetteu o professor Thomaz Ribas, director do grupo escolar “D. Pereira de Barros,” de Taubaté, afim de sêr declarado si a molestia de que soffre aquelle professor é incuravel.

ANTONIO LOURENÇO DE SÁ JUNIOR, D. EMILIA DE MOURA MARCONDES E D. ADELAIDE MOREIRA DE SOUZA. — De accordo com o parecer, pelos seus fundamentos e conclusões. A administração passada cumpriu a lei n. 1750, pondo em commissão os addidos e o governo actual tambem cumpriu a lei citada determinando que taes professores voltassem para os seus logares, uma vez que elles tinham preferêcia para as vagas que se verificassem nos estabelecimientos donde sahiram, acto esse que não importa em reconhecer que é devido o pagamento relativo ao tempo em que os mesmos estiveram afastados do magisterio.

D. MARIA DAS DÔRES OSORIO. — Não tem logar a licença com inicio declarado, á vista do attestado medico de 5 de fevereiro, com que foi instruido o primeiro requerimento, declarando apenas que a supplicante estava doente e necessitava de trinta dias para tratamento, sem referencia ao facto de estar de cama. A supplicante, além disso, não fez a prôva de estar de cama por informação da autoridade escolar, faltando assim os

dois requisitos probatorios exigidos pela lei e que devem sêr satisfeitos quando é feito e apresentado o requerimento. Não colhe a allegação de estar o director do seu Grupo na séde deste, Santo Antonio da Alegria, porque, em circular reiteradamente expedida e de que tiveram conhecimento os professores primarios, nessa hypothese a informação seria dada pela autoridade escolar da localidade onde se achar a pessoa enferma. Accresce que a supplicante já havia gozado quatro mezes de licença e só poderia obter nova licença mediante inspecção de saúde, isso em virtude de disposição expressa cuja ignorancia não póde allegar. Submetta-se a inspecção, caso ainda necessite de licença para tratamento de saúde.

D. AIDA LOBO. — Não tem logar o que requer, pois havendo a supplicante dado a luz na mesma data em que fez o requerimento de licença pelo art. 25, só tem direito a um mez pelo mesmo artigo, como tem sido decidido uniformemente. A concessão legal de dois mezes é a contar do ultimo mez de gravidez, mez ultimo que terminou justamente com o parto.

D. ANNA CAROLINA CAMPOS DE TOLEDO. — Não tem logar a licença com inicio declarado, á vista das informações; quanto á licença nos termos communs — submetta-se á inspecção medica. Feito o expediente, vá o processo á Directoria Geral da Instrucção para providenciar sobre o afastamento da supplicante. (A inspecção de saúde foi marcada para o dia 16 do corrente, ás 13 horas, na directoria da Inspeção Medico-Escolar).

SEBASTIÃO AVELINO LORDELLO. — As nomeações para curso nocturno só podem sêr feitas mediante o concurso previsto e regulado pelo artigo 140 do Regulamento n. 3.356, de 1921, e de

accordo com esse dispositivo, já foi provido o curso nocturno a que se refere o supplicante, e que por isso não póde sêr attendido.

Tomando em consideração quanto informou o inspector respectivo, relativamente ao curso nocturno de Villa Rezende, que não satisfaz as exigencias legaes, e de conformidade com a proposta do Director Geral da Instrucção Publica, deve sêr suspenso seu funcionamento e dispensado o respectivo professor.





INDICE

A "REVISTA ESCOLAR"	1
-------------------------------	---

LIÇÕES PRATICAS:

Linguagem	3
Arithmetica	5
Geometria	8
Historia do Brasil	11
Educação civica e moral	13
Botanica	15
Physica	17
Physiologia	20
Hygiene	23

PEDOLOGIA:

A imaginação e suas variedades na criança	26
A evolução psychica da criança	28

LIÇÕES DE COISAS:

O arado	31
Os adubos	33
Estaca e mergulhia	35
O calçado	40
Os ovos	41
Os filtros	44
Peso	46
Conhecimentos diversos	48
A vacca	48

QUESTÕES GERAES:

Crianças de hoje	50
Trabalho manual	52
Andersen, o Hæmoro id. infantil	56
Codigo moral escolar	59
Educação civica	61
Caixas escolares	63
Organização de "partidos" no ensino de calculos mentaes	64

LITTERATURA INFANTIL:

Enxador, poupa a arvore	66
Fruta preciosa	68
Edentes	69
Bom menino	70
Canarios	70
Por filial	74
Jardim da vovô	76
Dois são uteis	78
Historia de Colombo	80

METHODOLOGIA:

Processo educativo	82
------------------------------	----

EDUCAÇÃO PHYSICA:

Instrucções geraes para o ensino de gymnastica e jógos escolares	85
--	----

PAGINA DA CRIANÇA:

Exercícios de raciocinio	93
------------------------------------	----

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:

A tropa que passa	95
-----------------------------	----

ESCOTISMO	97
---------------------	----

VULTOS E FACTOS:

Carlos Gomes	99
------------------------	----

DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO PUBLICA:

Concurso para escolas	101
---------------------------------	-----

SECRETARIA DO INTERIOR:

Varios papees	108
-------------------------	-----

REVISTA ESCOLAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Direcção e Redacção : LARGO DO AROUCHE, 62

S. PAULO

ASSIGNATURAS :

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Numero avulso	2\$000

Os pagamentos são feitos adeantadamente.

Toda e qualquer correspondencia, inclusive a que se referir a assignaturas, deve sêr endereçada, directamente, á Redacção.

IRMÃOS FERRAZ
VERGUEIRO, 48-A
S. PAULO